

DPH IPPLAP



Piracicaba em Traços e Cores Atuais

**IPPLAP
PIRACICABA
2015**

INSTITUTO DE PESQUISAS E PLANEJAMENTO DE PIRACICABA

Prefeito Municipal

Gabriel Ferrato dos Santos.

Diretor Presidente

Lauro Pinotti.

Departamento de Patrimônio Histórico

Marcelo Cachioni.

Organização e texto:

Marcelo Cachioni.

Ilustrações:

Andrei Bressan.

Beatriz Giovanetti.

Ernandes Barboza da Silva.

Marcos Ribeiro.

Marina Horta.

Renata Andia Amalfi.

Rocco Antonio Caputto.

Pesquisa:

Marcelo Cachioni.

Daiane Cristina Izaul.

Viviane Romano Lopes.

Diagramação:

Vitória Telles Correr.

Revisão:

Sabrina Rodrigues Bologna.

Capa:

Andrei Bressan.

Vitória Telles Correr.

Agradecimento:

Erika F. Arthuzo Perosi.

Idnilson D. Perez.

CTP, Impressão e Acabamento:

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

IPPLAP, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Melysse Martim - CRB-8/8154

I64p IPPLAP

Piracicaba em traços e cores atuais - Piracicaba: IPPLAP,
2015.

84 p. : il.

ISBN 978-85-64596-14-6

1. Artes gráficas. 2. Gravuras. I. Título

CDD 760

CDU 76

Índice para catálogo sistemático:

1 Artes Gráficas 760

Impresso no Brasil

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
[Lei nº 10.994, de 14/12/2004].

Direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610/98.

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia autorização dos editores.

Prefeitura Municipal de Piracicaba

Rua Antonio Corrêa Barbosa, 2233 - Centro
13400-900 Piracicaba SP Brasil
www.piracicaba.sp.gov.br

Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba - Ipplap

Rua Antonio Corrêa Barbosa, 2233 - 9º andar - Centro
13400-900 Piracicaba SP Brasil
www.ipplap.com.br
ipplap@ipplap.com.br
Telefax.: (19) 3403-1200

Departamento de Patrimônio Histórico - Ipplap

Avenida Dr. Maurice Allain, 454 - Parque do Engenho Central
13405-123 Piracicaba SP Brasil
dph@ipplap.com.br
Tel.: (19) 3413-5831

Apresentação

No ano de 2011 foi lançada a publicação ‘Piracicaba em Traços e Cores’, a qual se propunha a recordar cenas, paisagens e lugares da cidade na forma da arte, com ilustrações realizadas pelos artistas Andrei Bressan e Renata Andia Amalfi, com base em fotografias antigas de ruas, praças, prédios e locais importantes para o desenvolvimento de Piracicaba em diversas técnicas de desenho e pintura, além de postais colorizados - mistura de foto e arte. O sucesso do livro levou à publicação de nova tiragem de 1.000 exemplares em 2013.

Na presente publicação, ao invés de recordar o passado, apresentamos cenas de ruas, praças, prédios, estradas e parques da cidade de Piracicaba atual, com todos os seus defeitos e encantos, nos traços e cores de Andrei Bressan, Beatriz Giovanetti, Ernandes, Marcos Ribeiro, Marina Horta, Renata Amalfi e Rocco Caputto.

Com vários traços e muitas nuances de cores, vamos caminhar novamente por Piracicaba, nossa terra sempre cantada em verso e prosa.

DPH IPPLAP

RUA DO PORTO

O rio Piracicaba é um atrativo natural que atravessa a cidade. Na época das chuvas oferece uma condição favorável para a reprodução dos peixes promovendo a Piracema, período de desova dos peixes entre os meses de outubro e fevereiro.

O Salto do Rio Piracicaba, caracterizado aos olhos do observador como um 'Véu da Noiva', está envolvido com a própria história da fundação da cidade. É inspiração para os artistas que o retratam e para escritores que criam contos, lendas e histórias.

Desenho: Ernandes. Técnica: Guache.



“...E lá em frente, à margem esquerda do rio, onde era o Porto, o último vestígio dessa cultura material: a rampa, que depois foi usada por sertanistas e povoadores...” (Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

CASA DO POVOADOR

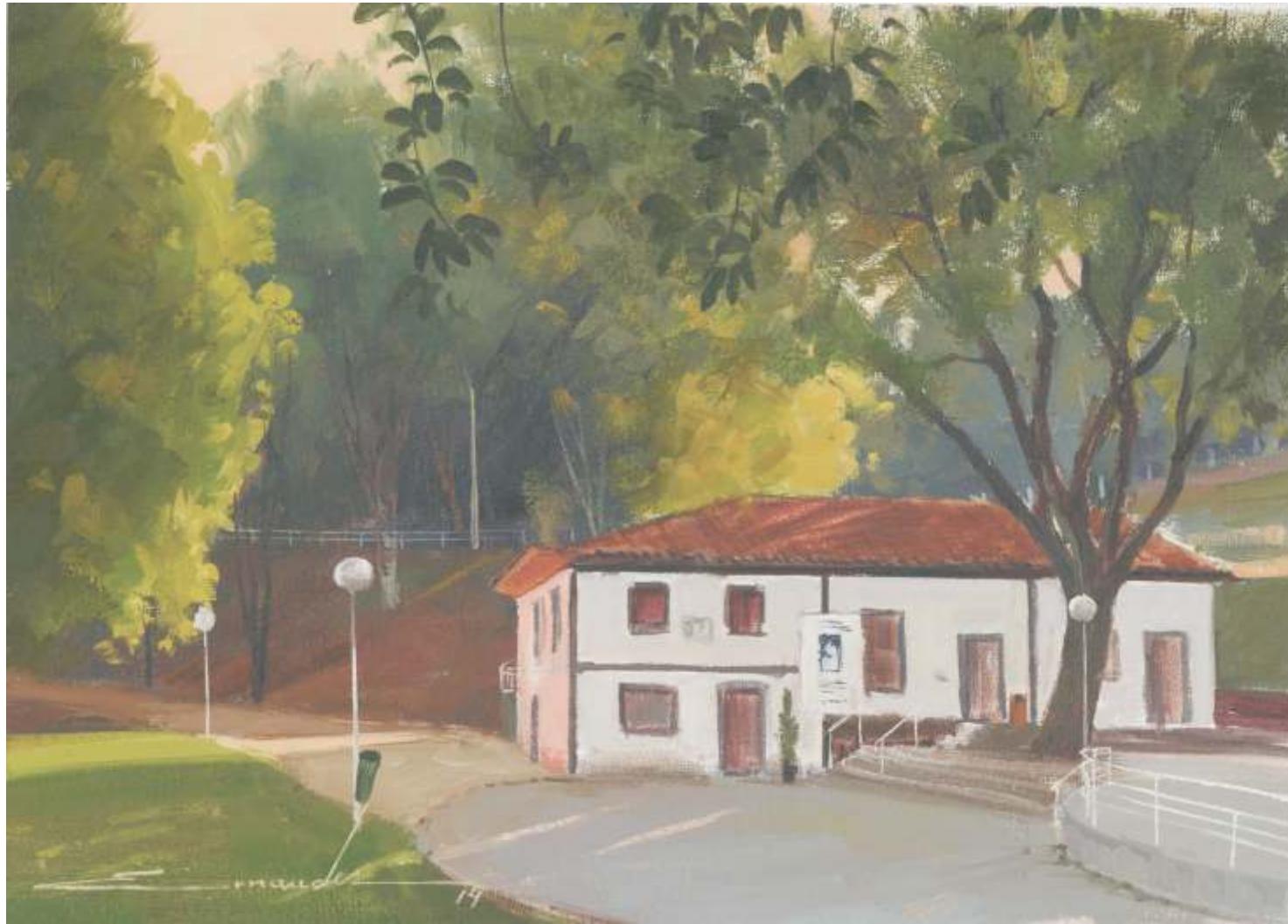
A chamada 'Casa do Povoador' foi construída em taipa de mão (pau a pique) e se configura como uma das últimas remanescentes da técnica em Piracicaba, tendo resistido ao tempo graças às sólidas bases de pedra e estruturas de madeira.

De residência familiar, entreposto de sal, a asilo de órfãos, a 'Casa do Povoador' foi construída entre o final do século XVIII e início do XIX, de acordo com sua técnica construtiva baseada na tradição paulista bandeirista, passou por diversos proprietários e funções. Não existem registros que comprovem a data exata de sua construção, nem a propriedade do Capitão Antonio Corrêa Barbosa, visto que o mesmo vivia na margem esquerda do Rio Piracicaba, onde fundou a Povoação de Piracicaba.

Em 1945, a Prefeitura Municipal adquiriu o imóvel e em 1967, nas comemorações dos 200 anos de Piracicaba, a 'Casa do Povoador' passou a ser reconhecida como símbolo da cidade. Finalmente, em 1969, foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico - Condephaat, como Monumento Histórico do Estado de São Paulo.

Atualmente, a 'Casa do Povoador' atende a comunidade, sendo utilizada para realização de diversas atividades culturais ligadas à Secretaria Municipal da Ação Cultural. Conta com várias salas de exposição e com a Galeria 'Alberto Thomazi', onde se realizam exposições de arte. Três salas são destinadas a projetos culturais diversos.

Desenho: Ernandes. Técnica: Óleo.



“...Foi ele, sim, Barbosa, quem providenciou a mudança da povoação pra cá, esse lado esquerdo. Mas ele nunca ocupou a casa que aí está (...) ‘Casa do Povoador’. Barbosa, pobre homem, já se tinha ido embora amargurado e triste, por volta de 1790...”(Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

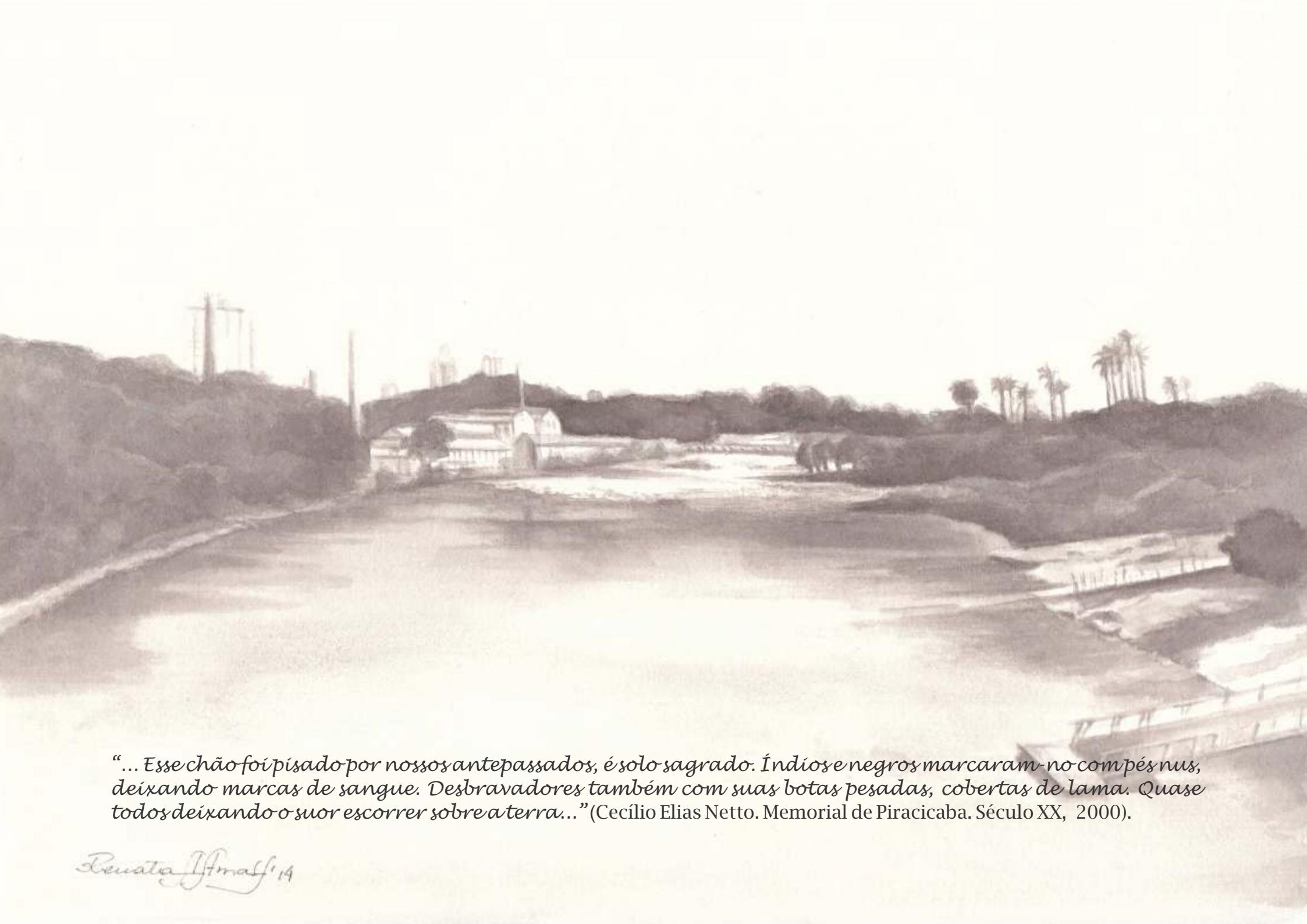
VISTA DO RIO PIRACICABA

O pioneirismo industrial de Piracicaba se destacou nas áreas agroindustrial, tecelã, metalúrgica e de abastecimento já no final do século XIX. Instaladas nas proximidades do Rio Piracicaba, para utilização da força motriz das águas, as instalações industriais criaram uma nova paisagem cultural para a cidade.

A Fábrica de Tecidos Santa Francisca, fundada por Luiz de Queiroz, originou a instalação do sistema de abastecimento de energia elétrica e de telefonia, que com a empresa hidráulica, estabeleceram o desenvolvimento urbano da cidade, marcado pela economia agroindustrial, com produção de açúcar e álcool.

O Engenho Central e a Usina Monte Alegre se sobressaíram no cenário nacional pelo volume de produção em meados do século XX tendo sido considerados entre os maiores produtores do Brasil.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Aguada de Nanquim.



“...Esse chão foi pisado por nossos antepassados, é solo sagrado. Índios e negros marcaram-no com pés nus, deixando marcas de sangue. Desbravadores também com suas botas pesadas, cobertas de lama. Quase todos deixando o suor escorrer sobre a terra...” (Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

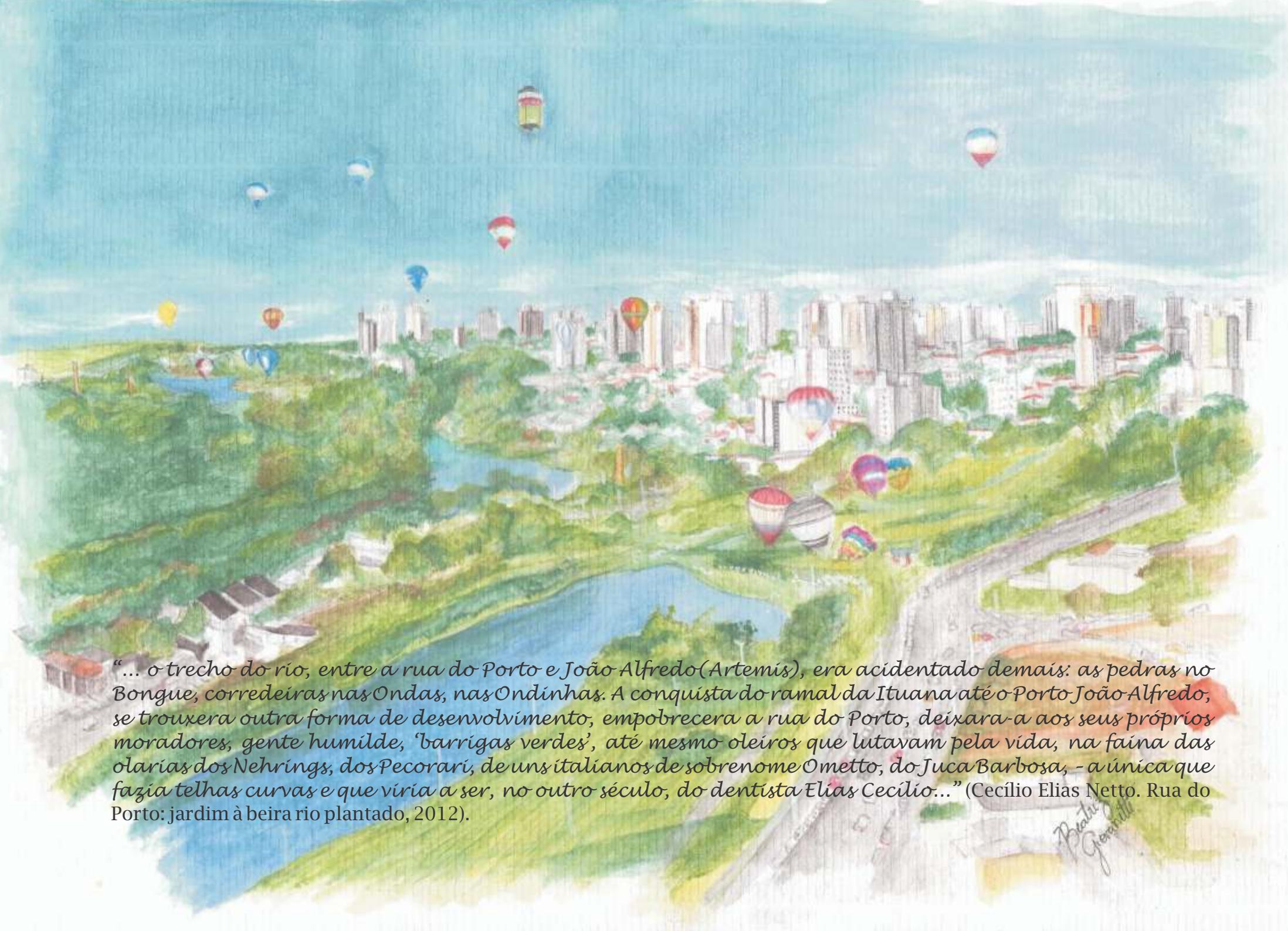
Renata Pernaff, 14

PARQUE DA RUA DO PORTO

Piracicaba, como muitas outras cidades, nasceu, cresceu e se desenvolveu à beira do Rio, fonte de alimento, abastecimento e circulação de produtos e de pessoas. As olarias, os pequenos comércios e a população simples, de pescadores e oleiros, imigrantes e negros libertos, possibilitaram a formação de uma cultura repleta de tradições oriundas de diversas raças, resultando numa formação cultural rica em ritos, folclore, crenças e tradições.

Na Rua do Porto, no início do século XX, havia algumas olarias em funcionamento, como a Olaria Pecorari, a Olaria de Elias Cecílio e a Olaria dos Nehring, entre outras, que ficavam nas imediações da Rua do Porto. Juntamente com a agricultura, as olarias tiveram importante papel econômico em Piracicaba.

Desenho: Beatriz Giovanetti. Técnica: Aquarela.



“... o trecho do rio, entre a rua do Porto e João Alfredo (Artemis), era acidentado demais: as pedras no Bonque, corredeiras nas Ondas, nas Ondinhas. A conquista do ramal da Ituana até o Porto João Alfredo, se trouxera outra forma de desenvolvimento, empobrecera a rua do Porto, deixara-a aos seus próprios moradores, gente humilde, ‘barrigas verdes’, até mesmo oleiros que lutavam pela vida, na faina das olarias dos Nehrings, dos Pecorari, de uns italianos de sobrenome Ometto, do Juca Barbosa, - a única que fazia telhas curvas e que viria a ser, no outro século, do dentista Elias Cecílio...” (Cecílio Elias Netto. Rua do Porto: jardim à beira rio plantado, 2012).

Bela
Gonçalves

RUA DO PORTO

A Rua do Porto, antigamente chamada de Rua da Praia, abriga parte importante da formação da cidade e de sua história. As olarias, os pequenos comércios e a população simples, de pescadores e oleiros, imigrantes e negros libertos, possibilitaram a formação de uma cultura repleta de tradições oriundas de diversas raças, resultando numa formação cultural rica em ritos, folclore, crenças e tradições. A princípio composta por uma população ribeirinha, muitas casas de pescadores transformaram-se em bares e lojas de artesanato. Suas tradições culturais e religiosas porém, pouco se perderam. No local é realizada anualmente a Festa do Divino a partir de 1826, sempre no mês de julho.

Desenho: Ernandes. Técnica: Nanquim.



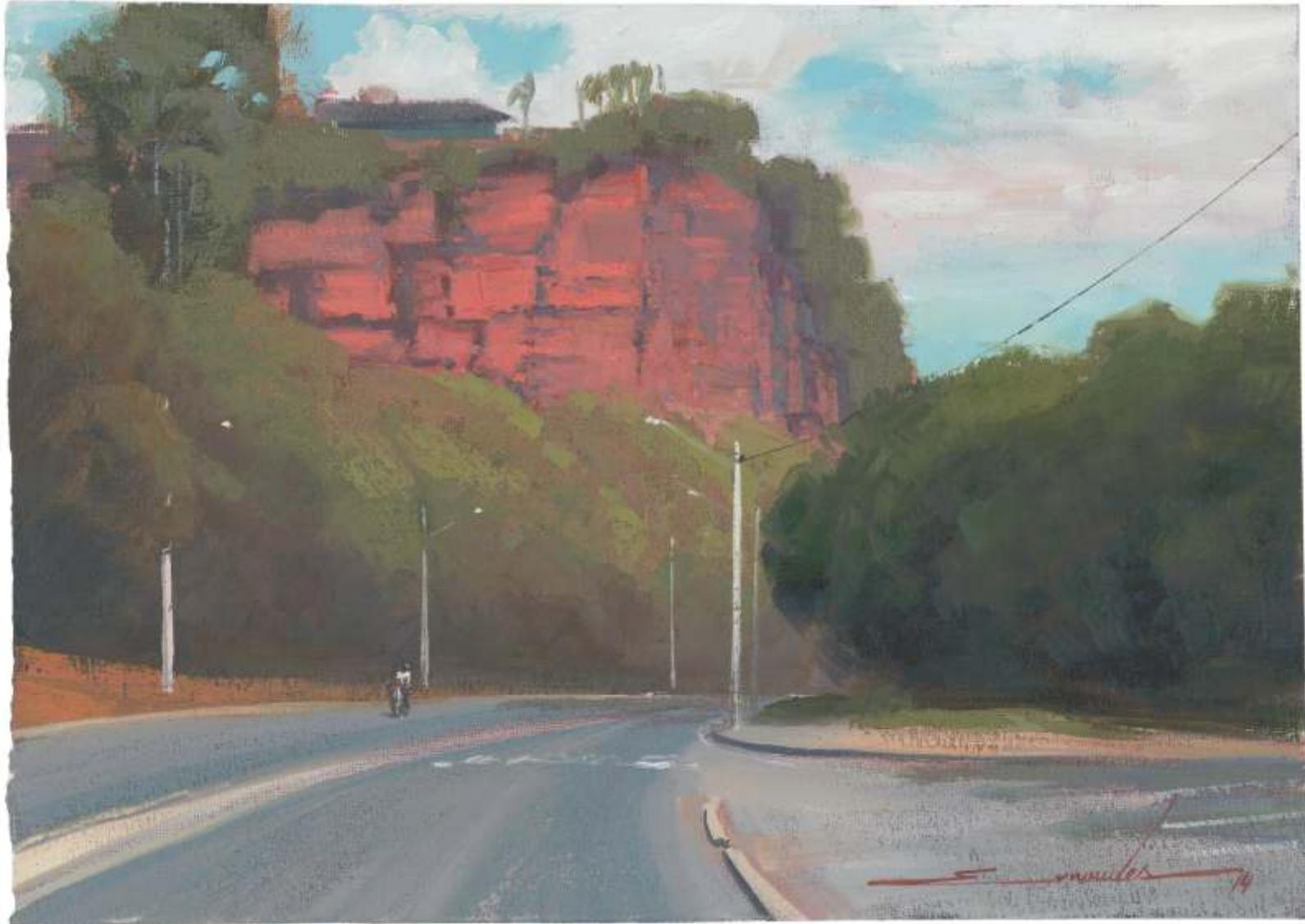
... Se você quiser se divertir ou conversar, vamos sentar a uma mesinha bem diante do rio, na Rua do Porto..." (Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

ESTRADA DO BONGUE

A pedreira do Bongue é um testemunho geológico da formação da região de Piracicaba que sofreu, no decorrer do tempo, processos erosivos decorrentes da extração de rocha e da abertura de avenidas, que a desconectaram das águas do rio que outras formações rochosas rio abaixo, como o Paredão Vermelho, ainda possuem.

É possível visualizar a pedreira de vários pontos da cidade, como do início da rua Ipiranga, da Avenida Francisco de Souza e do entroncamento das rodovias Piracicaba-Limeira, Piracicaba-São Pedro, Piracicaba-Rio Claro.

Desenho: Ernandes. Técnica: Óleo.



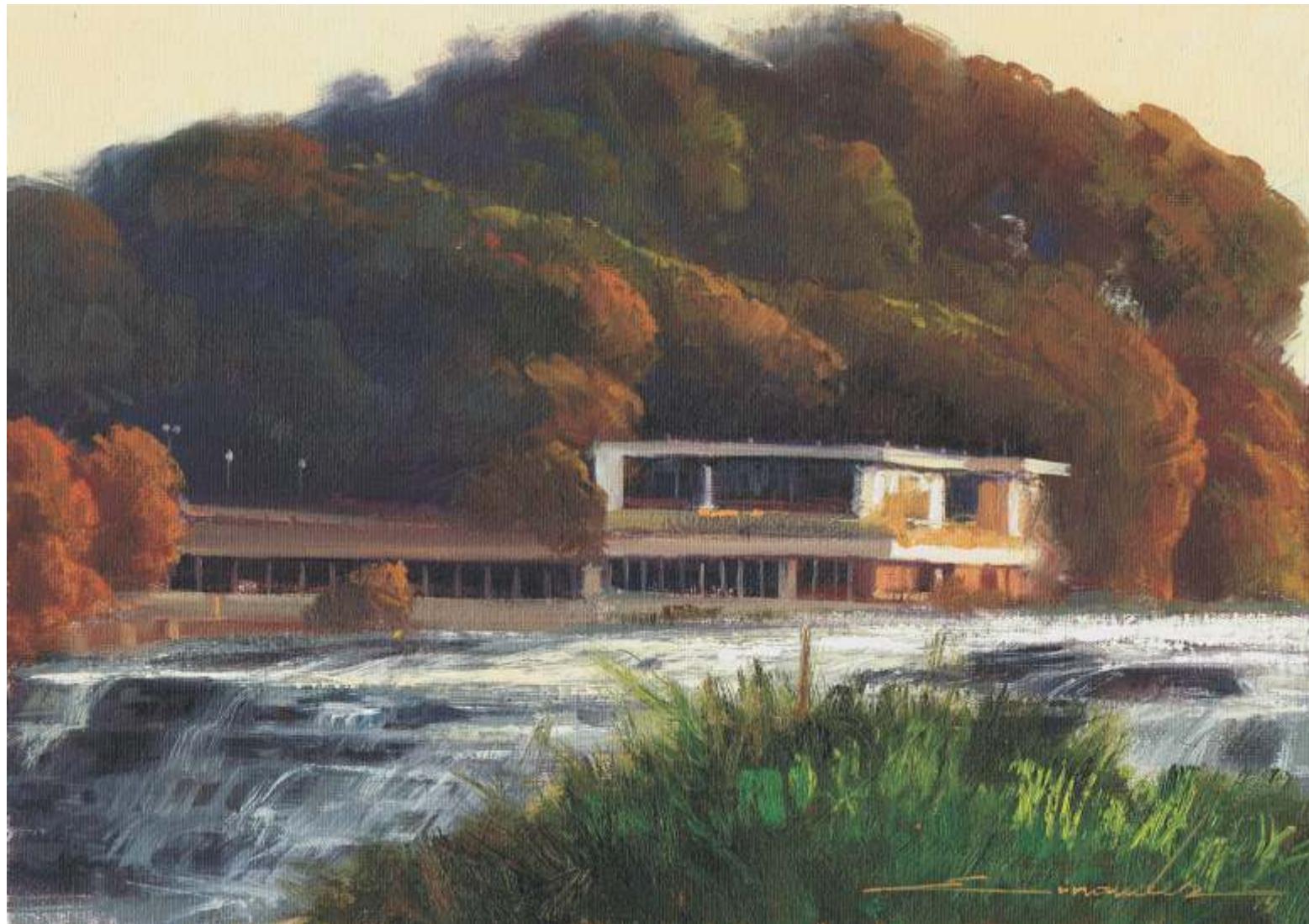
“... nesses dias, já passeamos por aí, rodamos de automóvel e vimos Monte Alegre, a Agronomia, entramos no Engenho Central, atravessamos pontes, passamos pelo Bongue...” (Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

PARQUE DO MIRANTE

Ainda no século XIX o Barão de Rezende mandou construir um mirante para o Salto em suas terras, o qual foi remodelado com mais um pavimento, entre 1906 e 1907, por Carlos Zanotta. Entre as décadas de 1910 e 1930 os piracicabanos passaram a frequentar o local para realização de piqueniques e para caminhadas ao longo dos passeios à direita, até ao canal.

A inauguração do novo Parque do Mirante ocorreu na gestão do prefeito Salgot Castillon, no dia 1º de agosto de 1962, aniversário de Piracicaba, ainda em fase de conclusão. Nesta época, o logradouro foi ampliado a partir da desapropriação feita pela Prefeitura de uma grande área de terreno pertencente ao Engenho Central. Com projeto do engenheiro agrônomo Odilo Graner Mortatti foram então construídas centenas de metros de balaustrada e muros de arrimo e de pedra, fonte luminosa e pérgulas. Alamedas e caminhos foram pavimentados com lajes de concreto e a avenida de acesso ao parque foi asfaltada, sendo suas calçadas pavimentadas em mosaico português. O bosque foi totalmente recuperado, com plantio de novas árvores, ajardinamento, construção de plataformas e do mirante. Em 1978, ao lado direito da entrada principal, foi instalado um mural de mosaico, com 36m de comprimento e 4m de largura de autoria da artista plástica Clemêncio Pizzigatti e um grupo de artistas plásticos e alunos de Escolas Estaduais de Piracicaba.

Desenho: Ernandes. Técnica: Óleo.



“...Tudo estava aqui, com a nossa gente antiga, um povo ligado às atividades do rio, e por isso o rio é tão amado, tanto está em nossa alma...” (Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

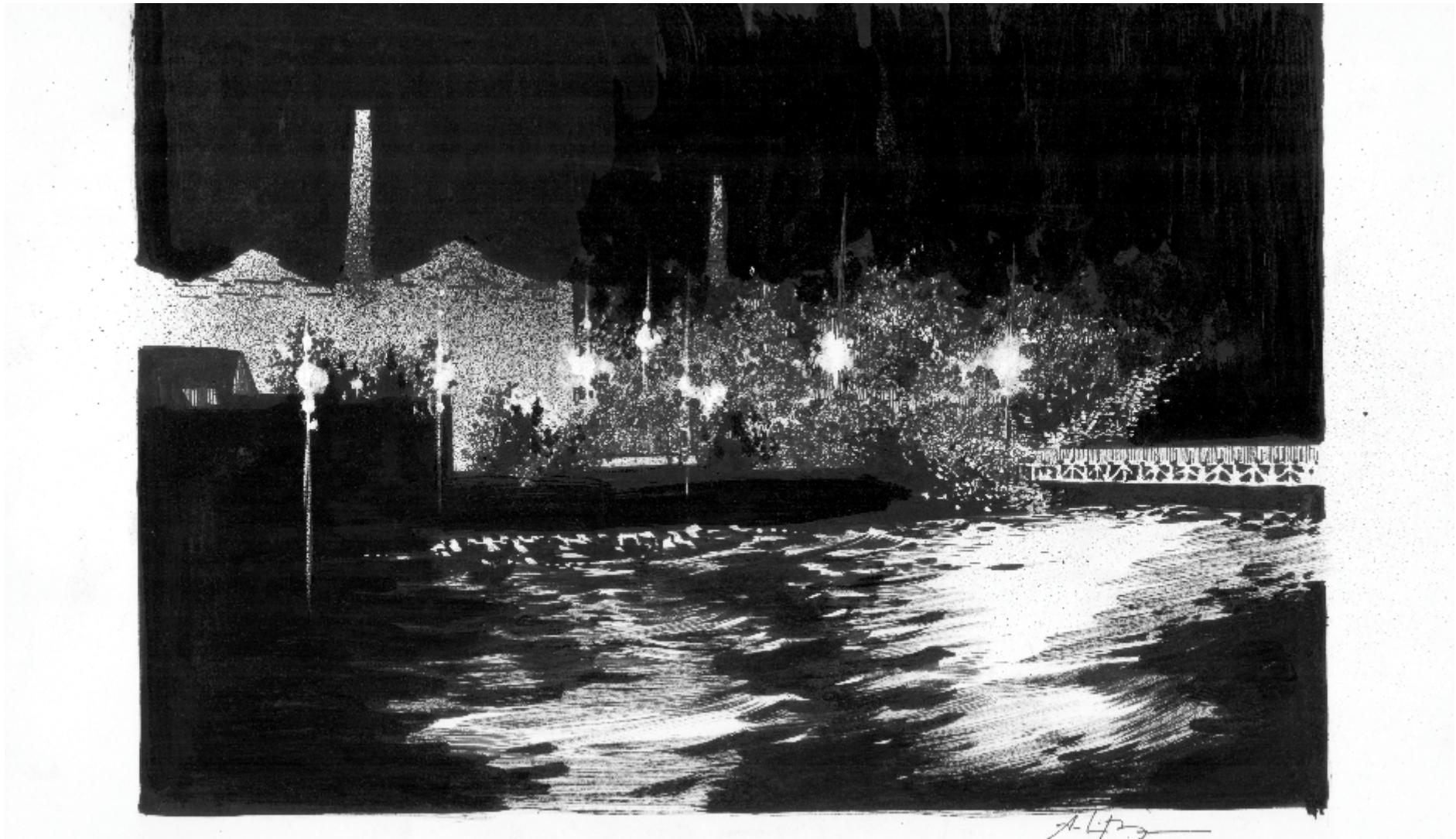
ENGENHO CENTRAL

O Engenho Central foi fundado em 1881 pelo Barão de Rezende e um grupo de empresários com a finalidade de processar toneladas de cana-de-açúcar com mais rapidez que os engenhos movidos à força de mula. Em outubro de 1882 entrou em funcionamento com maquinário francês de oito cilindros com entradas automáticas das canas e saída do bagaço pelas fornalhas com três geradores da força de cem cavalos, servidos por uma chaminé e três tanques de cobre para saturar a garapa. Em 1888, o Barão de Rezende tornou-se seu proprietário exclusivo. Dois anos depois, em 1891 a Empresa do Engenho Central passou a se denominar Cia. Niágara Paulista com Cícero Bastos como sócio. Rezende decidiu vender o engenho em 1899 para três franceses, Durocher, Doré e Maurice Allain, e passou à nova denominação: 'Société de Sucrerie de Piracicaba'.

No ano de 1907 foi fundada a 'Société de Sucrerie Brésiliennes', da qual o Engenho Central passou a fazer parte. Com seis usinas, foi a maior empresa do Estado em produção e a mais importante do país. A partir da década de 1950, a concorrência do açúcar dos outros países latino-americanos, a dificuldade de manutenção das peças importadas, e de mão-de-obra especializada fizeram a produção decair em todos os engenhos centrais, transformando-os em usinas. Em 1970 a usina foi vendida para a 'Usinas Brasileiras de Açúcar', a qual funcionou até 1974, data de sua desativação.

Da época do 'Engenho Central' quase não restou nenhuma construção, apesar de algumas remanescentes terem sido construídas aproveitando arcabouços antigos. Atualmente o Parque do Engenho Central sedia eventos culturais importantes como o Espetáculo da 'Paixão de Cristo' e o Salão Internacional de Humor e atividades no Teatro Municipal 'Erotides de Campos'.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Nanquim.



A.L.P.

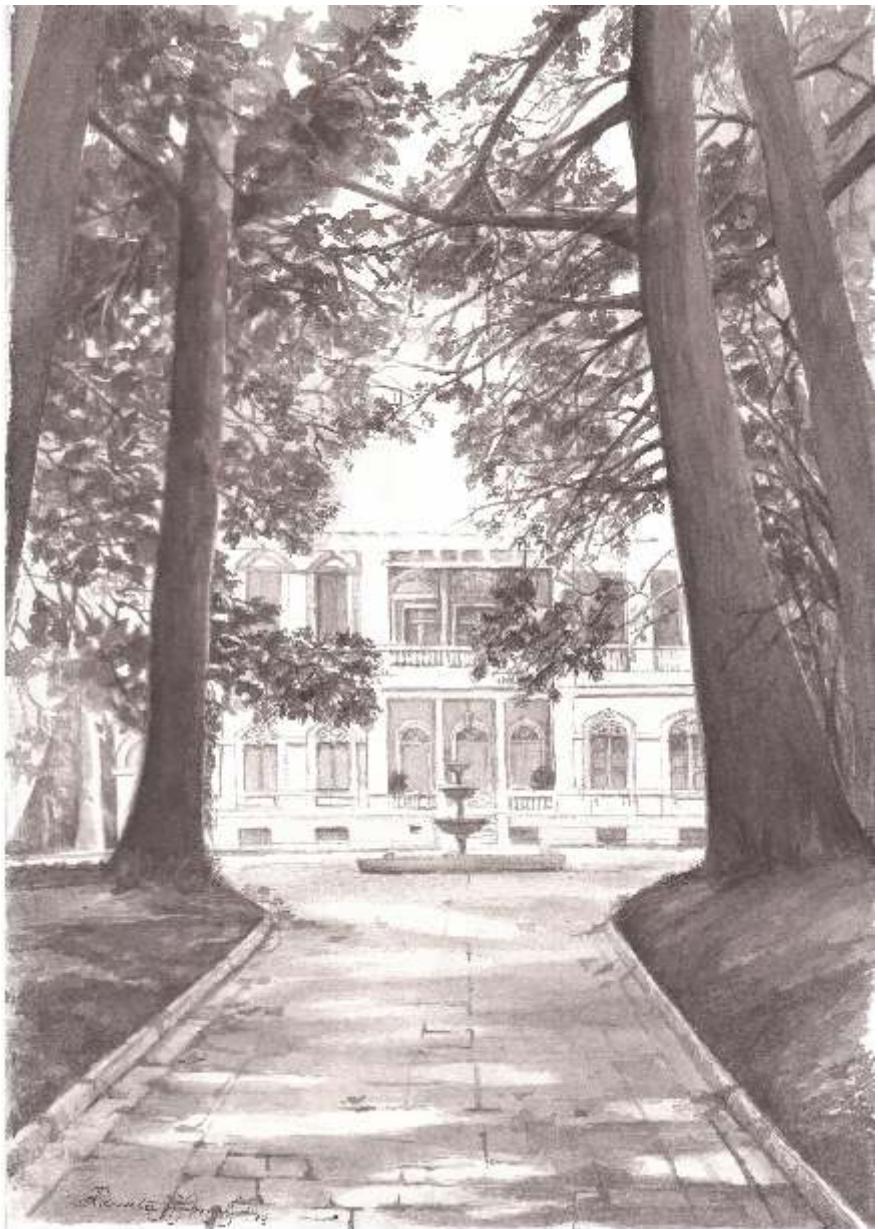
“...Lá há uma pedra bruta e bela como no primeiro dia da criação. A pedra marca o lugar inicial, o marco zero, onde tudo começou. (...) Ao lado da pedra, qualquer dia desses, Nossa senhora haverá de voltar (...) para contar um segredo escondido...” (Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

PALACETE LUIZ DE QUEIROZ

Um dos primeiros palacetes neoclássicos construídos na então Província de São Paulo, muito provavelmente foi inspirado nos projetos publicados por César Daly entre 1867 e 1870. Acostumado a viver na Europa, onde as ‘maneiras de morar’ muito se diferenciavam do tradicional brasileiro, Luiz de Queiroz preferiu viver ‘à francesa’. O Palacete de Luiz de Queiroz foi a primeira residência a ostentar energia elétrica de São Paulo, tendo sido visitada por D. Pedro II e a família Imperial Brasileira, que ficaram impressionados pelo benefício pioneiro. Também foi a primeira residência de Piracicaba a possuir telefone.

Nos jardins foram plantadas inúmeras plantas exóticas, transformando o local num pioneiro jardim de aclimatação de essências estrangeiras, como o carvalho europeu, cinamomo, palmeiras imperiais e álamos.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Aguada de Nanquim.



"Do alto de seu palacete - o 'Seio de Abrahão', como que
debruçado sobre as águas do Salto - o empresário Buarque
de Macedo podia ver uma paisagem esplendorosa,
oferecendo-a aos convidados que se deslumbravam com a
mansão construída por Luiz de Queiroz, como que uma
extensão da Fábrica Santa Francisca. Da sacada do Solar,
ele podia ver o mirante - que já servia refeições' construído
para homenagear D. Pedro II quando de sua última visita à
Piracicaba. Buarque Macedo também podia ver as espumas
do Salto, o rio caindo sobre as pedras e, ele e seus
convidados, ouvir o som das orquestras misturando-se ao
das águas. Mas não via e nem ouvia o que, logo abaixo, era
parte da paisagem que, amanhecesse ou findasse o dia,
fascinava Affonso Pecorari, humilde imigrante italiano: o
mistério da Rua do Porto, o encanto também misterioso da
curva do rio, onde dizia a lenda, Nossa Senhora dos
prazeres desaparecera, magoada e levada pelos anjos" (Elias
Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

MUSEU PRUDENTE DE MORAES

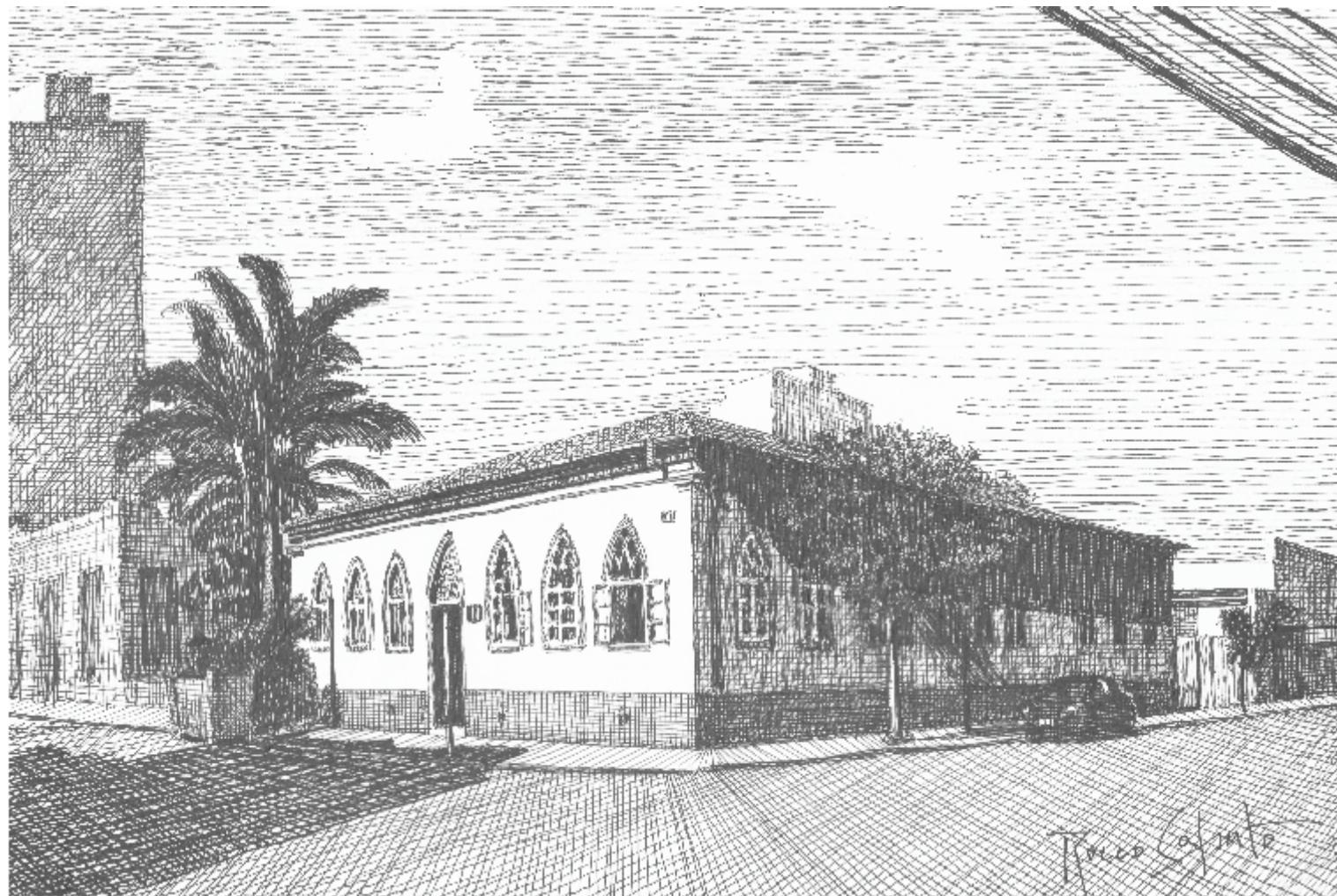
O museu fica localizado na antiga residência que pertenceu ao Presidente Prudente José de Moraes Barros. Em 1869 o Dr. Prudente a adquiriu e nela viveu por 32 anos, de 1870 a 1902, até falecer. Neste período, além de ter sido a casa do primeiro presidente civil brasileiro, serviu para encontros políticos do período histórico da Proclamação da República.

A sede do Museu 'Prudente de Moraes' é uma construção típica das casas térreas urbanas da segunda metade do século XIX no Brasil. Sua planta foi desenvolvida em 'L' nos alinhamentos frontais do lote de esquina, possui porão baixo destinado à ventilação e se destacam os arcos ogivais de suas esquadrias. Anexo ao imóvel há um chalet onde o Dr. Prudente advogava. Anteriormente ao museu, a casa foi sede da antiga Faculdade de Odontologia 'Washington Luiz', em 1919, mudando de nome, em 1932, para 'Prudente de Moraes', e encerrando suas atividades em 1935. Em 1940, o imóvel passou à Prefeitura de Piracicaba.

Fundado em 1956, o Museu é um dos mais antigos do tipo em São Paulo, e reúne peças que pertenceram ao ex-presidente, retratando a época da formação da República, além de muitas outras peças de acervo que fornecem subsídios para compreensão da história de Piracicaba e do Brasil.

Em 2010 passou a ser municipal, após obras de remodelação e restauro promovidas pelo Estado de São Paulo.

Desenho: Rocco Caputto. Técnica: Nanquim.



“...construído pelo notável brasileiro para sua residência, que aí sempre viveu e onde veio a falecer, é um indiscutível monumento histórico paulista cuja conservação se impõe, tanto pela origem do belo edifício como pela sua destinação, evocativa da vida e da ação pública do imortal brasileiro...” (CONDEPHAAT. Processo 7861/69, f.2).

MUSEU DA ÁGUA

O Museu da Água ‘Francisco Salgot Castillon’ ocupa uma área de 12 mil m² ao lado do Salto do Rio Piracicaba, onde funcionou a primeira Estação de Captação e Bombeamento de Água da cidade. Construído em 1887, parte de seu conjunto foi demolido na metade do século XX para dar lugar à Avenida Beira Rio. Ainda são preservadas turbinas e bombas, as quais eram responsáveis pelo bombeamento de água do Rio Piracicaba até a região central da cidade.

A partir do Mirante do Museu, é possível visualizar o canal de água que produz a cascata e também o Salto do Rio Piracicaba, o Parque do Mirante e parte do Engenho Central.

Em uma das principais atrações do museu, o visitante aprende a consumir água corretamente enquanto lava as mãos, observando o quanto está gastando nas caixas transparentes com medidor de volume.

Outra atração são os três aquários com espécies de peixes do Rio Piracicaba. Identificados por fotos, o visitante pode saber quais ainda são encontrados na natureza, assim como as espécies já em extinção.

Desenho: Beatriz Giovanetti. Técnica: Grafite.



"... Naquele tempo a água era colorida, tinha cheiro e tinha sabor. Corria das torneiras um líquido grosso da cor do barro, com cheiro de barro e com gosto de barro. Era então costume tomar banho de imersão. Quando o sabonete escapulía, encontrá-lo debaixo daquela água cor de chocolate, era um verdadeiro jogo de cabra cega. Mas um dia, um prefeito, desses que vivem com a cabeça cheia de planos de melhoramentos, resolveu filtrar a água. Montou bombas, instalou filtros, gastou muito e o resultado ai está: a água perdeu a cor e se converteu num líquido inodoro e insípido. Cristalina, sim, mas já não é aquela água gostosa de outros tempos..." (Salvador de Toledo Piza Jr. Piracicaba já não é a mesma..., 1961).

PRAÇA JOSÉ BONIFÁCIO

A Praça José Bonifácio foi demarcada no ano de 1784, período no qual o povoado original se encontrava na margem direita do Rio (lado onde se encontra o Engenho Central) e foi transferido para a margem esquerda.

Com essa nova configuração, houve a necessidade da gestão pública local realizar a demarcação da nova esplanada, local onde se encontrariam os prédios públicos. Com isso, houve a definição do Largo da Matriz, Jardim Público e Largo do Teatro, que posteriormente, após várias transformações, que variam desde seu traçado urbano até ao seu paisagismo, se fundiram tornando-se a extensa Praça José Bonifácio.

Na atual Praça José Bonifácio foram construídos, além da Matriz de Santo Antonio - primeira igreja oficial ao padroeiro da cidade, a antiga Câmara Municipal e o Teatro Santo Estevão, já demolidos.

A Praça José Bonifácio é um dos mais antigos e tradicionais espaços públicos da cidade e faz parte da história cívica dos piracicabanos. Manifestações públicas e monumentos que marcam não só a história dos piracicabanos, mas de seu país, caracterizam essa Praça.

A José Bonifácio é margeada por comércio formal e informal, instituições, lojas e serviços, como as agências bancárias. Podemos citar como exemplo o Poupatempo como um órgão institucional de relevância para a cidade, devido ao seu fluxo significativo de pessoas de outras municipalidades ao local.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Nanquim.



Renata Amorim

"...Foi lá em cima - na esplanada da Matriz, nos arredores da atual Catedral - que aconteceu o segundo núcleo povoador, arruamentos, moradias, Igreja, Câmara e, depois, a chegada do vigário, do comerciante de escravos, as tentações das sínhas, mistérios e milagres das santas rezadeiras e parideiras..." (Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

RUA BOA MORTE

A Rua Boa Morte, anteriormente conhecida como Rua da Matriz ou Rua do Pátio, tem a atual nomenclatura em homenagem à Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, cuja primeira versão foi edificada por Miguelzinho Dutra no século XIX. É uma das Ruas mais antigas de Piracicaba, tendo sido aberta com base no plano enviado pela Câmara de Porto Feliz em 1808 e executada pelo Alferes José Caetano sob orientação do Senador Vergueiro. Consta no mapa de 1823, conjuntamente com as Ruas São José, Santo Antonio, Rangel Pestana, Moraes Barros, XV de Novembro e Governador entre outras. Inicia-se na Rua Prudente de Moraes e termina na praça Antonio Prado em frente da Estação da Cia. Paulista. Desde o princípio da ocupação do centro de Piracicaba a Rua Boa Morte detém destaque, tendo sido uma das vias mais bem tratadas no decorrer do tempo. Próximo à praça da Matriz foram edificadas as principais residências e primeiros sobrados dos habitantes, as quais foram sendo substituídas gradualmente por casas comerciais.

Na Rua Boa Morte encontram-se duas das mais antigas e importantes instituições de ensino da cidade o Colégio Piracicabano, que viria a mudar o perfil da Rua, e o Colégio Dom Bosco Assunção, cuja igreja anexa domina a paisagem. Atualmente o comércio dinâmico e variado caracteriza a Rua Boa Morte.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Nanquim.



“... O plano de arruamento, que lhe valeu a justa fama, de que goza, de ser uma das cidades mais bem delineadas do Brasil, foi traçado por Nicolau de Campos Vergueiro e a sua execução deve-se ao patriotismo e inteligência do alferes José Caetano Rosa...” (Mario Neme. Piracicaba: Documentário, 1936).

COLÉGIO DOM BOSCO ASSUNÇÃO

As irmãs da Ordem de São José de Chambery abriram o Colégio Nossa Senhora da Assunção em 1893, este último ao lado da Igreja de N. S. da Boa Morte, no terreno que servia anteriormente como cemitério para religiosos.

O Colégio tinha por finalidade a cooperação na educação da infância e da mocidade paulista, por meio de métodos modernos e eficientes de ensino, que já eram conhecidos no Estado pelos resultados obtidos em outros estabelecimentos escolares dirigidos pelas referidas Irmãs educadoras, tanto na capital como em diversos pontos do Estado de São Paulo.

No ano de sua inauguração, o Colégio matriculou 120 alunas internas e oferecia os cursos de pré-primário e primário com a denominação de 'Jardim da Infância', para meninas de três aos sete anos incompletos. O curso primário oferecia sete classes, das quais três foram reservadas para alunas pobres que recebiam gratuitamente roupa e alimento (Neme, 1936).

Parte do edifício foi incendiada em 1901, o qual foi reconstruído pelo arquiteto Alberto Borelli. Construído com elementos estilísticos característicos do Renascimento italiano, pretendia ser um marco arquitetônico.

Desenho: Marcos Ribeiro. Técnica: Desenho e pintura digital.



“Em 1995, administrado pelos padres salesianos, o Colégio Nossa Senhora d’Assunção completou 100 anos de existência em Piracicaba. Fundado em 1893, pelas Irmãs de São José, diz-se que foi criado para fazer frente ao ensino metodista do Colégio Piracicabano e, assim, preparar as moças piracicabanas conforme uma visão católica da época...” (Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

SANTA OLÍMPIA

O bairro Santa Olímpia foi criado por imigrantes trentino-tiroleses no final do século XIX. Os moradores do bairro preservam a memória e as tradições dos pioneiros, no modo de viver e falar e por meio do folclore, da gastronomia e das festas típicas.

Na praça central é possível ouvir nas conversas o dialeto ítalo-tirolês, não apenas pelos mais velhos, mas também pelos jovens e crianças em atividades culturais como um grupo folclórico, três corais, grupo teatral e pequenas bandas musicais.

Outra característica de seus habitantes é a religiosidade católica, simbolizada pela Via Sacra ao lado da Matriz, uma das poucas ainda existentes no mundo.

A paisagem cultural do bairro é composta pela praça da Matriz com suas árvores e flores, de onde se ramificam as pequenas e estreitas ruas, semelhantes às das aldeias europeias, com janelas e portas abertas diretamente para a rua.

Desenho: Marcos Ribeiro. Técnica: Desenho e Pintura Digital



“... Os traços culturais estão fortemente impressos no cotidiano dos moradores, e dentre verdes paisagens a impressão que se tem é de ter encontrado uma pequena vila européia com igreja central, praça aconchegante, flores e parreiras de uva cultivadas nas encostas...” (<http://www.rotatiroleira.com.br/>).

ESCOLA BARÃO DO RIO BRANCO

O Grupo Escolar de Piracicaba foi construído seguindo projetos de autoria dividida entre os arquitetos Ramos de Azevedo, que desenvolveu as plantas tipo inicialmente para o Grupo Escolar de Campinas, e o arquiteto Victor Dubugras, autor das fachadas. Autores de projetos para um grande número de edifícios escolares, os arquitetos são dois dos mais importantes profissionais a trabalhar com o repertório da arquitetura Eclética em São Paulo.

A pedra fundamental foi assentada em 1895, com grande festa com banda de música e a presença de toda a Câmara Municipal, autoridades e muitas pessoas do povo. Em 25 de março de 1897, a 'Gazeta de Piracicaba' publicava artigo do Dr. Antônio Pinto de Almeida Ferraz que considerava o novo prédio do futuro Grupo Escolar como o mais bonito da cidade. Em 1897 começou a funcionar em fase preparatória, sendo que a sua fundação oficial ocorreu em 13 de maio. Ao completar 20 anos, o Governador do Estado decretou a mudança de nome do Grupo Escolar, homenageando o Diplomata brasileiro José Maria da Silva Paranhos Júnior, o 'Barão do Rio Branco'.

A primeira intervenção sofrida pelo edifício ocorreu em 1908/09, quando foi retirado o telhado de zinco e substituído por telhas francesas. Na fachada principal e nas laterais, os frontões foram retirados e alguns elementos estéticos eliminados. A platibanda passou a ser contínua e o desenho em relevo que dava continuidade a estes frontões foi repetido em série. Em toda a extensão das fachadas ainda há ornamentos, tais como rosáceas quadrilobadas e gárgulas caninas. Por volta de 1918 foi feita uma reforma para reforço estrutural, pois o edifício corria o risco de desabar. Na década de 1950, o Departamento de Obras Públicas do Estado promoveu a principal reforma ocorrida no edifício.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Aguada de Nanquim.



“... Ao final do Século XIX, Piracicaba já contava grande número de escolas, revelando um esforço coletivo tomado a educação como base da construção social. Assim, já tínhamos dois grupos escolares - os atuais Barão do Rio Branco e Moraes Barros - os colégios Piracicabano e Assunção, uma escola complementar (que se tornaria o atual “Sud Menucci” - três escolas complementares, um colégio dos frades capuchinhos, mais 13 escolas mantidas por particulares ou por entidades locais...” (A Província, 2014).

IGREJA DOS FRADES

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus tem sua história ligada a dos frades capuchinhos, que se instalaram em Piracicaba em 1890, atendendo pedido da população de origem italiana. Após um período no Colégio Assunção, os frades adquiriram uma chácara na Rua São Francisco de Assis e fixaram residência na casa sede. A pedra fundamental da igreja foi lançada em 1893, com procissão levando uma pedra simbólica no andor, até as fundações previamente iniciadas. Com as esmolas angariadas nas missões, começaram as obras confiadas ao arquiteto J. L. Madein a ao construtor Luigi Lorandi, que tinha como auxiliares os pedreiros Carlos Adâmoli e Antônio de Fávero. Quando a construção estava a certa altura, as paredes começaram a ruir por conta dos alicerces mal executados. Percebendo o erro, Madein deixou a obra com prejuízos e dívidas. O construtor e seus auxiliares recuperaram a obra e continuaram. A planta planejada era muito grande e espaçosa, o que acarretou em vários anos de obras e uma grande quantia em dinheiro. Anexo ao templo foi construído um convento, em dois pavimentos. A Igreja foi inaugurada em 1895, ainda inacabada, pelo Bispo de São Paulo D. Joaquim Arcoverde, sendo a primeira da Ordem no Estado de São Paulo. Os entalhes do altar e do púlpito foram executados por Antonio Spinelli auxiliado por Emílio Adâmoli em 1900. Dois anos após, Spinelli concluiu os altares laterais em madeira, onde foram instaladas as imagens vindas da Itália. Após um pequeno incêndio ocorrido em 1911, entre 1917 e 1918 o Frei Paulo de Sorocaba deu início à decoração do presbitério e do altar-mor e, em 1921, a pintura das capelas laterais, cujas obras foram concluídas em 1924. A nave central coberta por uma abóbada, foi pintada por Pietro Gentilli entre 1938 e 1939. A igreja passou por uma reforma entre 1956 e 1959 que alterou drasticamente suas fachadas, e muitos elementos ornamentais foram perdidos.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Aguada de nanquim.



Luisa Affonso 14

“...que sejam enviados frades competentes, firmes e prudentes para não se pôr em desabono as Missões. Este país é fertilíssimo. Muitos colonos italianos não têm assistência religiosa...” (Nelson Berto. Província dos Capuchinhos de São Paulo. Documentos e Correspondência (1886-1946), 1989).

ÁRTEMIS

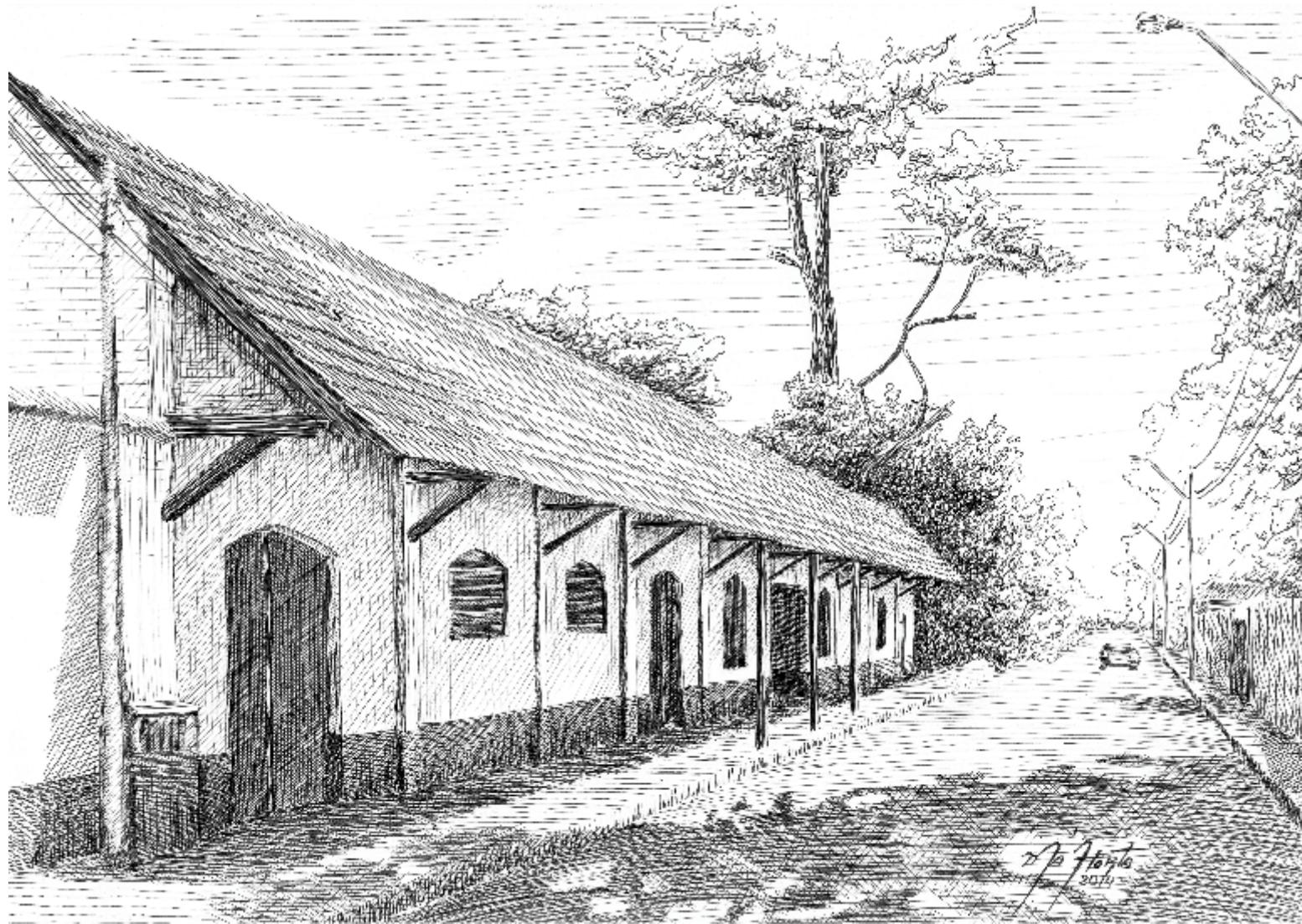
O antigo ramal de João Alfredo foi construído para ligar a E.F. Ituana à navegação fluvial recém-adquirida em 1886. Seu início se dava na estação de Chave (Montana) e o término na estação-porto de João Alfredo. A partir de 1945, a estação e o ramal ganharam o nome de Ártemis com três paradas, além da estação terminal sendo somente a Parada Torquato citada nos relatórios anuais da Sorocabana. Na beira do rio existia outro prédio, que servia para o embarque de cargas e passageiros nos barcos da navegação fluvial como ponto inicial da navegação no Rio Piracicaba, feita pela Ituana no fim do século XIX.

A Estação de Porto João Alfredo foi inaugurada em 1887 como ponta de um ramal que saía de um ponto logo após a estação de Piracicaba. Na inauguração estiveram presentes o Visconde de Parnaíba, então presidente da Província de São Paulo e o senador João Alfredo Corrêa de Oliveira, que se tornou seu patrono. Por conta da beleza do local e da viabilidade de acesso, passou a servir como ponto de passeio para o povo piracicabano.

A E.F. Ituana foi incorporada à E.F. Sorocabana em 1892, com a formação da Cia. União Sorocabana e Ytuana (CUSY), que passou a se denominar 'Sorocabana Railway', em 1907 e Estrada de Ferro Sorocabana, em 1919. Em 1948 o prédio da Estação de Ártemis passou por uma reforma que lhe supriu o segundo pavimento central. Na década de 1950 a navegação fluvial foi encerrada e em 1961 foi autorizado o arrancamento do ramal, ocorrido em 1962, segundo relatório da Estrada de Ferro Sorocabana referente a esse ano que ainda acusava movimento de passageiros no trecho.

Atualmente funciona como sede da Associação de Moradores do Distrito de Ártemis (AMADA) e conta com salão para eventos com palco, sanitários e cozinha.

Desenho: Marina Horta. Técnica: Caneta Esferográfica.



“...A atual Ártemis - que Piracicaba antiga ainda chama de Artémis - era o Porto João Alfredo, nome de antigo Presidente da Província de São Paulo, cargo de Governador. Essas são algumas das reminiscências de quando Piracicaba se tornou uma das cidades pioneiros na navegação fluvial, concessão feita a particulares pelo Imperador D. Pedro II...”(A Província).

CASA GUERRINI - SENAC

A família Guerrini iniciou sua história na cidade de Piracicaba por meio dos imigrantes italianos Giuseppe e Bárbara, originários das Províncias de Pádua e Mântua, que vieram para o Brasil para trabalhar como colonos independentes. Embora Giuseppe fosse interessado pelos estudos e pelas artes, não conseguiu garantir a educação que queria aos seus filhos. No entanto, despertou-lhes o interesse pela música e pelas artes, realizando-se a partir dos seus filhos e netos, entre eles podemos mencionar: Leandro Guerrini, Pasqual Guerrini e Julieta Bárbara (filha de Pasqual com Adelaide Pelegrino).

Leandro tornou-se músico, jornalista, professor, escritor de rádio-novela e bibliotecário. Sua esposa Jaçanã Altair Pereira, com quem se casou em 1925, foi uma escritora bastante reconhecida.

Já, Pasqual destacou-se como militante político em Piracicaba, tendo sido líder do partido comunista. Em determinadas ocasiões, escreveu para alguns jornais em Piracicaba.

Uma das quatro filhas de Pasqual, Julieta Bárbara, formada em Ciências Sociais pela USP, casou-se com o modernista Oswald de Andrade, em 1936, no Rio de Janeiro. Após a separação de Oswald de Andrade, Julieta casou-se com Antonio Oswaldo Ferraz (Tonico Ferraz), e depois com o físico Mário Schemberg.

Em 1941, Pasqual Guerrini adquiriu, de Bento Dias Pacheco, as residências situadas entre as ruas Santa Cruz, 1148 e Dr. Octávio Teixeira Mendes, 1213, onde mantinha também uma marcenaria de móveis.

Atualmente os imóveis abrigam uma unidade do Centro Universitário Senac, após passar por obras de recuperação e adaptação.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Nanquim.



“...Era costume do tempo. À noite, depois das lides domésticas, as donas de casa puxavam de suas cadeiras, na rua, ao pé da janela, e caiam gostosamente na gazetice de genuínas comadres. Bate-papo funcional, muito bom, descansando do mexe-mexe diário e congregando vizinhas ou conhecidas que passassem...”

(Leandro Guerrini. Cadeiras na calçada, 1976).

Isaura Affonso
2014

MONTE ALEGRE

A Fazenda Monte Alegre tem origem a partir de 1804, quando foi fundada pelo então vigário de Piracicaba, padre Joaquim Amaral Gurgel, um dos principais latifundiários do município, naquele período.

Depois do padre Amaral Gurgel, a fazenda foi propriedade do Senador Vergueiro em sociedade com o Brigadeiro Luiz Antonio de Souza. Ao falecer, o Brigadeiro deixou a fazenda, por herança, à sua viúva Genebra de Barros Leite, a qual em segundas núpcias se casou com o Dr. José da Costa Carvalho, futuro Marquês de Monte Alegre. No final do século XIX, após passar por vários proprietários, Antonio Alves Carvalho constituiu o Engenho de Monte Alegre, com as devidas instalações e colônias.

Em 1910 o imigrante italiano Pedro Morganti adquiriu o Engenho Central de Monte Alegre em sociedade com José Pugliesi, com quem fundou a Companhia União dos Refinadores, e posteriormente transformou o engenho em usina. Com a morte de Pedro Morganti, a direção da usina foi transferida para o seu filho Lino, que teve influência política, tendo sido deputado federal.

Com a decadência, a usina foi vendida em 1971 para Adolfo da Silva Gordo. Dez anos depois, em 1981, a usina foi desativada e, em 1988, a divisão de papel foi adquirida pela Indústria de Papel Simão. Em 1995 a Votorantim Celulose e Papel assumiu as instalações, atualmente ocupadas pela japonesa Oji Papéis.

Desenho: Ernandes. Técnica: Óleo.



"...Lembro-me, nitidamente, quando vi Monte Alegre pela primeira vez, em 1950, em plena safra. Morava no sítio Renata, de propriedade do Com. Lino Morganti, exatamente onde fica a mansão da Água Seca. (...) Caçula, acompanhava minha mãe em todas as obrigações domésticas, principalmente quando se tratava de fazer a compra do mês. Foi uma dessas saídas com ela que acabei chegando em Monte Alegre, a pé, claro. Achei-o lindo, entramos pelo lado aristocrático do bairro, pela vila Joaninha..." (Benedito Jorge Coelho. Monte Alegre. Ilha do Sol, 1996).

MERCADO MUNICIPAL

Ao mesmo tempo em que se tratava da instalação do sistema de água encanada, em 1886, a Câmara aprovou a construção de um Mercado Municipal e houve concorrência pública para seu projeto. Após discussão sobre o local mais adequado para a instalação do mercado, as obras foram iniciadas no ano seguinte, na Rua do Comércio (Gov. Pedro de Toledo). A conformação original do edifício era de pequeno porte, sendo que só seria viável a venda de hortaliças. Exatamente por isso, o projeto foi criticado pela imprensa local, antes do término das obras, concluídas em 1887, mas a inauguração só aconteceu no ano seguinte, com apenas a abertura do portão principal, sem festas.

Talvez tenha sido uma das mais representativas construções de caráter industrial de Piracicaba, pois tinha a aparência de um galpão industrial, mas ao mesmo tempo reunia interessantes espaços abre-fechados e o requinte do chafariz e do relógio, equipamentos que cabiam somente aos melhores prédios públicos ou Igrejas naquele momento da cidade. De frente para a Rua D. Pedro II originalmente havia uma praça arborizada que foi arrasada quando da primeira ampliação do mercado, após a década de 1930. A reforma eliminou os muros gradeados que foram transformados em paredes, as laterais foram cobertas, as esquadrias e ornamentação seguiram o padrão das originais, sendo que apenas o trecho da esquina entre a Rua D. Pedro II e a Trav. Newton de Mello conserva a aparência dessa intervenção.

O Mercado Municipal foi novamente reformado e ampliado em 1958 por Paulo Elias Pecorari, perdendo a maioria de suas características originais, num projeto modernizante que vinha a atender a demanda da cidade que havia se desenvolvido em população.

Desenho: Marina Horta. Técnica: Aguada de café.



"No largo do mercado, desde o clarear do dia viam-se tropas com cargueiros, provenientes das chácaras e sítios que havia nas imediações da cidade, cujos produtos, os mais variados, se encontravam em tais cargueiros: uns com frangos, ovos, perus e outras aves domésticas; outros com frutas e legumes diversos; alguns com queijos, melado e rapadura de mel do tanque, que eram deliciosas; alguns com leitoas e cabritos; havia os com carás, batatas doce, mandiocas, feijão, arroz, canjica, farinhas diversas, enfim, de tudo havia, do bom e do melhor, e por preço que se diria ser impossível proporcionar lucro!" (Heitor Pinto César. Reminiscências de Piracicaba antiga. Jornal de Piracicaba, 1965).

W.F. 10/2/14
2014

ESTAÇÃO DA CIA. PAULISTA

Desde 1896 a Câmara Municipal mantinha contato com a Cia. Paulista de Estradas de Ferro para trazer o Ramal até Piracicaba. Em 1902 o presidente da Companhia, Antônio Prado, prometeu a instalação, mas as obras ficaram paralisadas por 12 anos e o reinício ocorreu em 1914. A 1º Guerra Mundial atrapalhou o andamento das obras, que foram retomadas após dois anos. Em 1919, o então Prefeito Fernando Febeliano da Costa seguiu para São Paulo com uma delegação a fim de renovar o contrato com a Cia. Paulista, que teria até 31 de dezembro de 1921 como data limite para o término das obras e uma multa de 20 Contos por mês de atraso. No final de setembro de 1919 foram iniciados os serviços de escavação do leito, em Santa Bárbara d'Oeste. As escavações para sondagem e instalação dos trilhos começaram em dezembro de 1921. Somente em 1922 chegaria primeiro trem da Cia. Paulista na cidade. A Estação, a arruagem e o armazém foram construídos em regime de empreitada pelo engenheiro e construtor Domingos Borelli, com projeto semelhante ao da estação da cidade de Jaú, de autoria do escritório do arquiteto Ramos de Azevedo. Também foram construídas 22 casas destinadas aos empregados, por Felício Bertoldi. O Ramal saía da Estação da Luz, em São Paulo, e passava por Jundiaí, Campinas, Nova Odessa, Recanto (Sumaré), Santa Bárbara, Caiubi, Tupi e Taquaral até a Estação de Piracicaba. Após a supressão dos trens de passageiros do ramal, em 1976, a estação ainda seguiu aberta até cerca de 1990, mas, com a eliminação quase total dos cargueiros na linha, acabou sendo fechada.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Aguada de Nanquim.



"Hoje o centro de Piracicaba expandiu-se, englobando uma área que há algumas décadas era denominada de Paulista. Quem subia a Rua Boa Morte, ao chegar ao terreno plano, na Rua José Ferraz de Carvalho, prolongamento da Avenida Independência, já dizia estar na Paulista..." (João Umberto Nassif. Paulistenses, 2013).

Renata Affonso / 14

IGREJA METODISTA

A Igreja Metodista fundou seus trabalhos de evangelização em Pracicaba no dia 11 de setembro de 1881, numa casa alugada na esquina da Rua do Rosário com a Rua São José pelo Rev. James William Koger, o qual liderava um grupo de missionários do Sul dos Estados Unidos. Quatro anos depois, os Metodistas inauguraram a Capela Trinity, na esquina da Rua Rangel Pestana com a Rua Boa Morte. O atual templo da Catedral Metodista teve o início de sua construção com o lançamento da pedra fundamental em 7 de setembro de 1922 e a inauguração em 7 de setembro de 1928. O projeto do eng. Wiley Theodore Clay foi entregue a dois construtores locais, Paulo Caviolli e Jayme Blandi, e foi finalizado por Luiz Walder. O engenheiro americano Wiley T. Clay foi contratado em 1921 pela Junta de Missões da Igreja Metodista Episcopal do Sul, nos EUA, para vir ao Brasil como missionário construtor e engenheiro. Nesta ocasião a Igreja Metodista celebrava o centenário do seu trabalho missionário e estava empenhada numa campanha de expansão da obra.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Aguada de nanquim.



"Fundada em 1881, a Igreja Metodista de Piracicaba foi a terceira a ser instalada no Brasil. (...) Finalmente, em 1922, o principal templo da Igreja Metodista foi construído na rua Governador Pedro de Toledo, esquina do Largo do Mercado Municipal" (Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

Pedro Henrique

TEATRO SÃO JOSÉ

O Teatro São José foi inaugurado em 1927, com festividades conduzidas pela 'Associação de Cultura Artística' e pelo 'Orpheon Piracicabano'. Acomodava cerca de 2.000 pessoas, em 1.002 cadeiras de plateia, 46 camarotes, 36 frisas, 242 localidades de balcões numerados e 200 de anfiteatro. Desde o início de seu funcionamento, o teatro esteve arrendado, primeiramente, para o genro do Coronel Barbosa, Jarbas Soares Hungria, e, a partir de 1937, quando funcionava também como cinema, à empresa 'Cinemas do Interior de São Paulo', com sede na capital. Em 1962, o teatro foi vendido para o Clube 'Coronel Barbosa'. As obras do Teatro São José foram iniciadas após a atual sede do Clube Coronel Barbosa, construídos pelo patrono do clube. Não foram poupados recursos para a construção, onde foram empregados os melhores materiais e profissionais.

O Teatro possui forro ornamentado, com pinturas alegóricas e há uma grande boca de cena para o palco, para onde são voltadas as duas fileiras de galerias. A sala de espetáculos possuía piso inclinado, com as poltronas distribuídas em degraus, de forma a facilitar a visibilidade das pessoas nas apresentações de peças teatrais. Em 1968 o piso foi nivelado em assoalho, para permitir a realização de bailes e festas, fontes de renda utilizadas ainda atualmente.

Desenho: Ernandes. Técnica: Guache e Nanquim.



“O Coronel Barbosa gostava muito de reuniões sociais, certamente frequentava o Clube Píracicabano e teve a ideia de construir um local específico para reunir-se com os amigos. Adquiriu antigos imóveis, localizados na esquina da rua São José com a Praça José Bonifácio, providenciou a demolição deles e, com a venda de café, de sua fazenda, conseguiu recursos suficientes para ali construir o Teatro São José e o denominado Palacete Barbosa, o qual passou a ser sede do Clube Píracicabano” (Caio Tabajara Esteves de Lima. Histórico do Clube Coronel Barbosa e Teatro São José, 2001).

TUPI

Em 1923, a capela São José, do bairro Quebra Dente, foi demolida para ser reconstruída no Tupi, onde o núcleo habitacional era maior. Marcelino Boaretto guardou a imagem do santo padroeiro na Fazendinha até que a capela do Tupi ficou pronta, pelas mãos do pedreiro João de Sordi. A decoração interna foi realizada por Mario Thomazi em 1947, com pinturas destacando passagens bíblicas como: A fuga para o Egito, a morte de São José e a Praça de São Pedro.

A capela de São José do Distrito de Tupi passou por algumas reformas e ampliações e conta atualmente com salão de festas, com capacidade para mil pessoas, salas para catequese e também uma casa paroquial, onde duas irmãs coordenam os trabalhos da capela.

A ajuda da comunidade garantiu a atual configuração da capela, que após sete meses de obras ganhou nova concepção em arte sacra, com a concepção original, em que Deus está no centro. Nesse contexto, é Cristo quem ocupa o altar-mor e não o padroeiro, que fica ao seu lado. Na lateral também está Nossa Senhora. Aos pés da santa há uma referência do distrito: uma pintura sobre o batismo de São João, como alusão à tradicional festa de Tupi.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Óleo.



“...A procissão, levando o Santo, saía da capela dirigindo-se até o córrego do Tijucó preto, onde se fazia a lavagem da imagem e dos fiéis, que lavavam o rosto, retornando o cortejo para a pequena igreja. Ao aproximar-se da meia noite, era aberta a fogueira...” (João Francisco Basso. Retrato das Tradições Piracicabanas, 2010).

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE TUPI

Antigamente conhecida como Horto Florestal de Tupi, fica situada a 12km do centro de Piracicaba. É uma reserva natural que reúne variadas espécies de vegetação, além de ser local de pesquisas e estudos. Na década de 1920, José Basso, administrador da Fazenda Morro Grande, conseguiu, junto aos seus proprietários, a doação de terras ao Governo Federal para a criação da Estação Experimental de Algodão de Piracicaba. Em 1949 a Estação foi passada para a Divisão de Florestas e Estações Experimentais do Instituto Florestal de São Paulo e, a partir de então, foram realizados vários experimentos com algodão, feijão, arroz, milho, fumo e mamona. A Estação também realiza reflorestamento e comercialização de madeira.

Nos 200 hectares de extensão da Estação, o visitante encontra: trilha autoexplicativa até a floresta de pinus e de essências nativas e fruteiras; um caminho até uma pequena queda d'água e o Lago Marcelo.

Escolares, ambientalistas e interessados no contato com a natureza podem usufruir a infraestrutura composta de parque infantil, churrasqueiras e alamedas, além da floresta de vegetação singular.

Desenho: Beatriz Giovanetti. Técnica: Lápis de cor.



"... Nesse lugarejo, que guarda memórias da cidade e uma calmaria típica interiorana, há a Estação Experimental de Tupí, conhecida como Horto Florestal, uma reserva natural que convida o visitante a apreciar a paisagem, com a possibilidade de um simples passeio pelas trilhas abertas na mata e até com a prática de atividades esportivas..." (Daniele Ricci. Jornal de Piracicaba, 2014).

ESTÁDIO MUNICIPAL BARÃO DE SERRA NEGRA

A história do esporte em Piracicaba teve seu início em 1903, quando se fundou o Club Sportivo Piracicaba, no qual os associados corriam na antiga Raia do Salto e jogavam futebol com material inglês.

Posteriormente, funcionários de uma marcenaria aproveitavam o horário de almoço para jogar futebol com uma bola de meia em um quintal, onde as mulheres penduravam as roupas lavadas no varal. A bola acabava sujando a roupa, causando desconforto. Assim, os empregados passaram a realizar as partidas em um pasto na Rua Regente Feijó, adotando o nome de 12 de Outubro para o time.

Na mesma época, se formava outro time com membros da família Pousa, o Esporte Clube Vergueirense. Naturalmente, os dois times passaram a disputar partidas, até que decidiram se unir e fundar o Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba.

O capitão da Guarda Nacional Carlos Wingeter foi convidado para ser presidente do clube, o qual sugeriu o título XV de Novembro, em homenagem à data da Proclamação da República.

O reconhecimento do povo piracicabano ao time de futebol foi imediato, rendendo ao XV grande afinidade com a torcida.

Desenho: Rocco Caputto. Técnica: Nanquim.



*“Cárxara de forfe, Cúspere de grilo, Bícaro de pato, Ásara de barata, Nheque de porteira, Já que tá que
fique, Suvaco de cobra, Sem óio de brequé, Óculos de raiban, Carcanhar de bode, Toceira de grama, Já
que tá que fique, XV, crá, crá, crá”* (Hino Popular. Adaptado por alunos da Esalq).

PARQUE DA ESALQ

O parque da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - Esalq foi desenvolvido pelo arquiteto, paisagista e fitopatologista belga Arséne Puttmans. Inaugurado oficialmente em 1907 na gestão do Dr. Clinton Smith, o parque foi acompanhado, em suas primeiras fases, pelo Dr. Luiz Teixeira Mendes e, posteriormente, pelo Dr. Philippe Westin Cabral de Vasconcellos, engenheiro agrônomo formado pela Escola em 1912. O parque apresenta maciços de vegetação, entremeados por extensas áreas gramadas e a proposital existência de espaços vazios entre os conjuntos arbóreos para orientar a visão dos usuários, de modo a descortinar uma paisagem ou encobri-la. Há também, quantidade de flores junto a elementos de destaque.

A presença americana do dr. Clinton Smith certamente influenciou o traçado do parque, que segue o modelo de campus universitário desenvolvido por Frederick Law Olmsted, que tinha como referência direta o ideário de parques e jardins ingleses, sendo que muitas características comuns podem ser encontradas nos parques anglo-americanos. Olmsted desenvolveu e aprimorou o modelo original inglês e propôs entre outros, a diversidade de espécimes, que era exatamente a proposta inicial do parque da Esalq, idealizado por Puttmans. A função do Parque, além da ornamentação, é de manter uma grande coleção de plantas com fins didáticos e científicos, permitindo observações sobre comportamento das mesmas e fornecimento de sementes para propagação. Assim, encontram-se no parque muitos exemplares de espécies nativas e de outras regiões do Brasil. O traçado original vem sendo mantido por quase 100 anos, sendo importante exemplo de projeto paisagístico que além de sua beleza característica, é praticamente autossustentável, com baixa necessidade de interferência.

Desenho: Marina Horta. Técnica: Bico de pena.

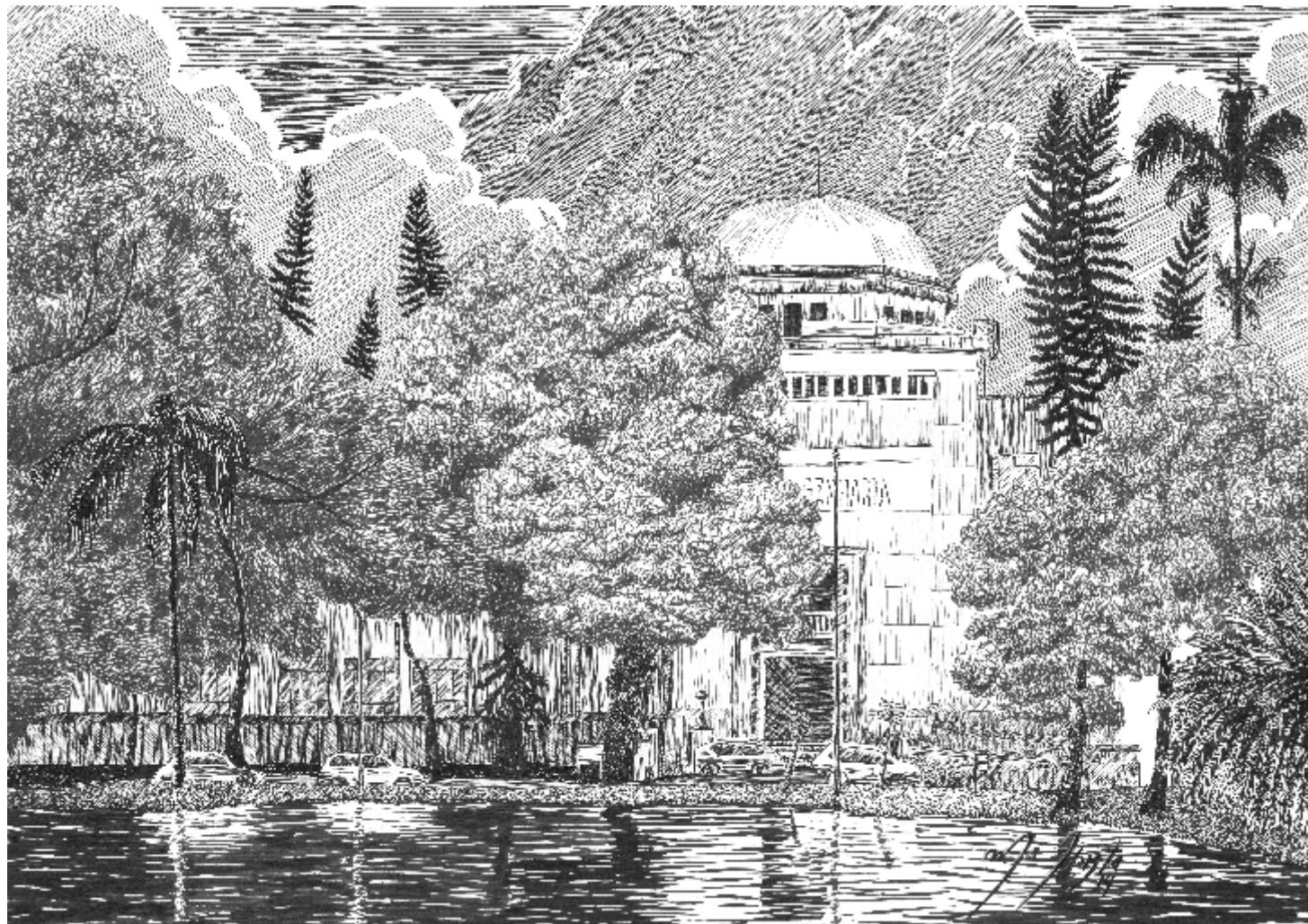


“Oh Escola nascida no monte! Joia rara de fino lavor! Esse nome que trazes na fronte é o nome do teu sonhador, do que teve feliz privilégio, qual Anchieta de ampla visão, de prever, na montanha, um colégio que crescesse por toda nação! Desta Escola, por ele sonhada e dos jovens que a ela vêm ter, eis que surge a legião denodada...” (Salvador de Toledo Piza Jr. Ode à Esalq, 1921).

ENGENHARIA (ESALQ)

Luiz de Queiroz, agrônomo e veterinário, decidiu abrir uma escola agrícola que pudesse ensinar as técnicas de cultivo corretas em Piracicaba, por conta da baixa qualidade do algodão fornecido à tecelagem que abrira na cidade. Apesar de seus esforços, acabou por doar ao governo do Estado as terras e os projetos de instalação da escola. Em 1895 o secretário da agricultura delegou ao engenheiro agrônomo belga Léon Morimont a tarefa de projetar e construir as dependências da futura escola. Com a morte de Queiroz em 1898, os anos se passaram e a escola estava relegada ao esquecimento. No entanto, uma das cláusulas da doação marcava o prazo de dez anos para o início das atividades escolares, ou a devolução. Em 1900 foi decretada a criação da Escola Prática São João da Montanha, numa casa alugada, mas somente em 1901 a escola foi finalmente inaugurada, já com Luiz de Queiroz como patrono. Em 1905 a escola foi reorganizada com o reinício das obras. Problemas com a finalização do edifício principal acarretaram numa série de modificações no projeto original, sob a responsabilidade do projetista José Van Humbeeck. A concepção original foi mantida: um longo edifício no centro organizador da principal área da escola, articulado por um lado, com a 'fazenda modelo', e por outro, com o 'posto zootécnico'. Da proposta, somente o edifício principal com os dois anexos foi executado, os demais foram construídos em outros pontos da fazenda, enquanto as demais áreas previstas foram ocupadas pelo parque. A Esalq, estruturada inicialmente para o ensino médio, passou ao ensino superior em 1925. Com a fundação da Universidade de São Paulo em 1934, a Escola foi integrada à USP. Em 1945, passou por ampliação de sua área, construção e ampliação de edifícios, instalações, ginásio e residência.

Desenho: Beatriz Giovanetti. Técnica: Aguada de Nanquim.



“A água, o sol e a terra existem com própria beleza. As plantas silentes e sempre, sustêm o equilíbrio dos ciclos da natureza. Plantar, criar e conservar. A Esalq existe p’ra ensinar; Cumprindo missão vitoriosa. Vem inspirar deusa Ceres, Os filhos da gloriosa, Que partem pelo Brasil, A propalar de norte a sul, Cumprindo missão vitoriosa” (Zilmar Ziller Marcos. Hino da Esalq, 1955).

IGREJA PAU QUEIMADO

O bairro do Pau Queimado foi iniciado em uma antiga fazenda que se utilizava de mão-de-obra escrava, e posteriormente, de colonos espanhóis, portugueses e italianos. Consta que José Félix, um negro muito religioso, resolveu reunir a comunidade para que construíssem uma igreja junto ao Cruzeiro.

Antigamente, o córrego que atravessa o bairro era um riacho que dividia a comunidade em duas partes. Moradores dos dois lados do riacho se reuniram para discutir em qual lado seria feita a capela. A 'turma de cima', mais numerosa e da qual não pertencia José Félix, acabou vencendo.

O terreno para a construção da capela foi doado pelo espanhol José Baesteiro. O prédio, construído em taipa de mão, teve a ajuda de todos, inclusive da outra turma, que também frequentava o templo, batizado em homenagem ao 'Santo Preto' São Benedito, de origem italiana.

Os moradores costumavam se reunir todos os anos para as quermesses em homenagem a São Benedito, quando se arrecadava dinheiro para investir em melhorias para a própria comunidade. Atualmente ainda são realizadas festas típicas no bairro, misturando fé, religião, comida, música e diversão.

Há cerca de 40 anos, além da festa do padroeiro, a comunidade passou a organizar almoços típicos para arrecadar dinheiro, ao redor do Cruzeiro. Os Marianos eram os responsáveis por levar as prendas que ajudavam na realização do leilão.

Em 1957, depois de algumas reformas, a antiga capelinha foi demolida para ceder lugar à atual, em alvenaria. O Cruzeiro também foi demolido e substituído por um novo.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Lápis grafite.



“...Outra tradição mantida no bairro é a procissão. O povo carrega dois andores: um com Nossa Senhora e outro com São Benedito. Reza a lenda que o santo deve ser levado sempre à frente da santa, no primeiro andor da procissão, como realização de seu próprio desejo, caso contrário, ele manda chuva, prejudicando a festa...”(Ipplap. Igrejas, 2012).

ESCOLA PROF. MANOEL RODRIGUES LOURENÇO - PAU QUEIMADO

Na década de 1930 foram criadas em Piracicaba diversas escolas rurais para atender a ainda grande população campesina que trabalhava nas diversas fazendas produtoras de cana de açúcar ligadas à Usina Monte Alegre e Engenho Central, além de outras policultoras numerosas espalhadas pelo vasto território piracicabano de um século atrás, o qual ainda contava com as atuais cidades de Rio das Pedras, Charqueada e Saltinho. Em 1933 o Relatório da Diretoria Regional de Ensino de Piracicaba listava as várias escolas rurais, entre as quais encontra-se o antigo Grupo Escolar Rural de Pau Queimado. Os edifícios em geral já eram existentes e cedidos pelos proprietários das fazendas ou alugados. Em alguns casos, os responsáveis pelas fazendas pertencentes às usinas mandaram construir prédios específicos para sediar as escolas que eram cedidas ao estado para a implantação das mesmas.

Em 1991 a escola rural passou a se denominar Escola Estadual Prof. Manoel Rodrigues Lourenço, a qual foi municipalizada em 1999. Atualmente oferece ensino fundamental às crianças da região.

Desenho: Ernandes. Técnica: Óleo.



“... O ensino típico rural é uma modalidade de ensino especializado para a criança da roça. Além de programa próprio, relativo ao aprendizado das atividades agrícolas e higiene rural, caracteriza-se por ser ministrado nos grupos rurais mediante um sistema de estudo teórico-prático, que leva o estudante a comparecer à escola nos dois períodos, da manhã e da tarde. Reveste-se esse ensino, por esse fato, de rico conteúdo educativo, como curso de preparação da criança e do adolescente, para as atividades rurais e o convívio social da zona agrícola, em que reside...” (SÃO PAULO, Mensagem..., 1957).

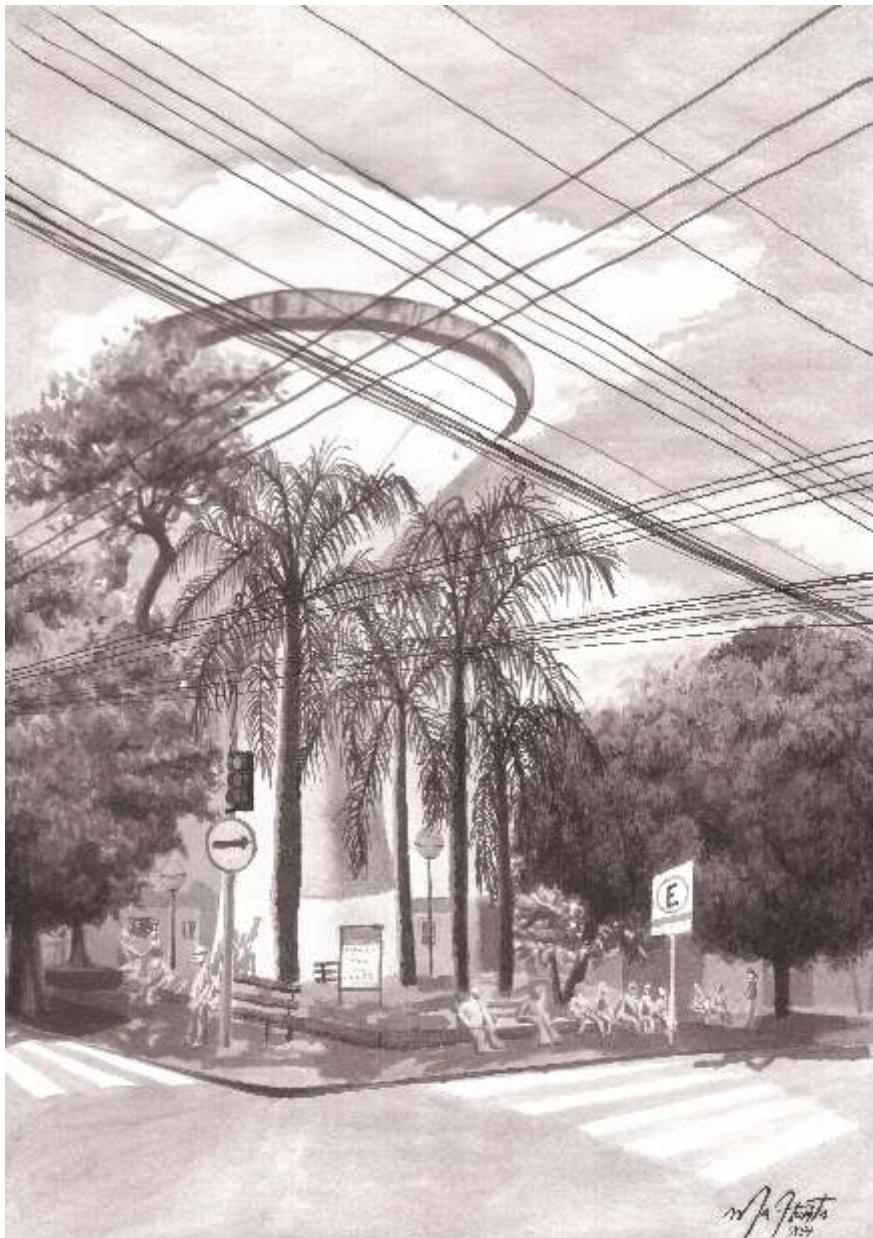
PRAÇA TAKAKI

A imigração japonesa foi iniciada no Brasil em 1908 e, dez anos depois, o Dr. Paulo de Moraes contratou as primeiras famílias para trabalhar na Fazenda Pau D'Alho. Das 40 famílias, poucas permaneceram, e entre eles estavam os irmãos Shigueki (José) e Shigeru (João) Takaki, Hayatu Takematsu, Keiju Hara, provenientes de Nagano e Shitizo Yamashita, de Fukuoka.

No decorrer do tempo, muitas das famílias remanescentes passaram a se mudar para a cidade, desempenhando diversas funções além da agricultura.

A comunidade japonesa de Piracicaba foi homenageada com a criação da Praça Takaki em 17 de abril de 1960.

Desenho: Marina Horta. Técnica: Aguada de Nanquim.



“...Acima da Praça Takaki era uma área descampada, havia cana de açúcar plantada e algodão. Onde é a Rua Sud Mennucci havia uma santa cruz, muitos tinham medo de passar lá. Próximo onde hoje é a Peixaria Lagostim havia alguns pés de manga. O senhor que cuidava da área chamava-se Ló, muitas crianças iam apanhar mangas sem o conhecimento dele, era um homem bravo...” (Encarnación Marins Sturion. Paulistenses. Vol. 1, 2013).

UNILESTE

Na década de 1970 teve início um novo ciclo industrial em Piracicaba, em um período conhecido como 'Milagre Econômico', no Regime Militar autoritário, também incentivado pela política de 'interiorização do desenvolvimento' proposta pelo governador Laudo Natel. A necessidade de criação de postos de trabalho para combater uma situação social preocupante mobilizou o Poder Público e o empresariado local para a criação de novos postos de trabalho. O prefeito Cassio Padovani, em conjunto com a Acipi, iniciou tratativas para trazer uma subsidiária da Caterpillar e da criação de um Distrito Industrial. Geraldo Quartim Barbosa, então gerente da Companhia City, especializada em grandes empreendimentos imobiliários como os bairros Santa Rita e Nova Piracicaba, manteve os primeiros contatos com a multinacional e intermediou negociações com o empresário Adolpho da Silva Gordo quanto à aquisição das terras para a implantação do distrito.

A instalação do Distrito Industrial em 1972 contrariava o parecer do arquiteto Joaquim Guedes, responsável pela elaboração do Plano Diretor da cidade, pois ocuparia área de terras férteis, mais propícias à atividade agricultora. No entanto, a Caterpillar pretendia uma área próxima a uma grande rodovia estadual, e também que se reativasse o ramal ferroviário da Fepasa.

A industrialização atraiu massas de imigrantes a procura de empregos, entretanto as novas empresas absorveram apenas mão-de-obra qualificada.

Desenho: Marina Horta. Técnica: Aguada de Nanquim.



“...Já se pensava na construção de um Distrito Industrial, ideia, no entanto, que estava sendo amadurecida e estudada em todos os detalhes, inclusive nos da capacidade de o município suportar o inevitável aumento populacional que ocorreria...” (Cecílio Elias Netto. Piracicaba Política - A história que eu sei, 1992).

W.F. Horta
2014

PARQUE DA RUA DO PORTO E CENTRO CÍVICO

Em 1988 foi inaugurado o Centro Cívico ‘Florivaldo Coelho Prates’, edificado em concreto armado, com 14 pavimentos, em 14 mil m² de área, e um auditório para mais de 300 lugares. Não foram poucas as críticas ao governo municipal por transferir a sede do Executivo do centro da cidade para as margens do Rio Piracicaba, ao lado do Parque da Rua do Porto, inclusive envolvendo o alto custo da obra.

A justificativa para a transferência foi a necessidade de uma nova sede, pois o prédio anterior possuía apenas 2.700 m², sendo incapaz de abrigar os três mil servidores, o que custava à Prefeitura 14 aluguéis de imóveis pelo município. No ano da inauguração do edifício, cerca de 35 mil pessoas procuravam mensalmente as unidades do governo municipal para atendimento.

Desenho: Beatriz Giovanetti. Técnica: Aquarela.



“...Nestas margens e nestas águas, está o sagrado da terra. É a pia batismal de um povo. Lugar de ofertório e de render graças. Aqui, Piracicaba renasce, jardim à beira rio plantado...” (Cecílio Elias Netto. Rua do Porto: jardim à beira rio plantado, 2004).

TEATRO MUNICIPAL

Após a demolição do Teatro Santo Estevam na década de 1950, a construção de um novo e moderno teatro ficou em segundo plano em Piracicaba por vários anos. Em 1969 o então prefeito Luciano Guidotti desapropriou um terreno com 1.473,52 m², de propriedade do Instituto Feminino e Serviço Social, localizado no quadrilátero compreendido pela Avenida Independência, Ruas Santa Cruz, Gomes Carneiro e Avenida Armando de Salles Oliveira, anexada a mais uma área com cerca de 5 mil m², já de propriedade do município.

O prédio do Teatro Municipal de Piracicaba foi projetado pelos arquitetos Antonio Sergio Bergamim, Arnaldo Martino, José Guilherme Savoy de Castro, Luiz Sisberg e Silvio Oppenheim. A obra foi entregue ao povo piracicabano somente em 1978, com 674 lugares e sistema de acústica e ar condicionado.

Denominado inicialmente apenas como Teatro Municipal de Piracicaba, passou a ser chamado Teatro Municipal Dr. Losso Netto em 1993.

Desenho: Rocco Caputto. Técnica: Nanquim.



“...É a realização à vista do sonho do Teatro Municipal, com o papel exercido pelo velho Santo Estevão, depois de mais de duas décadas de sua demolição...” (Oliveira Mendes. Teatro Municipal, 1976).

TERMINAL CENTRAL DE INTEGRAÇÃO

A 'Praça Ennes Silveira Mello' homenageia o voluntário piracicabano da revolução constitucionalista de 1932 e foi configurada no antigo Largo da Estação da E. F. Ytuana, posteriormente vendida para a E.F. Sorocabana. Localizada em frente ao ribeirão Itapeva, atualmente canalizado na Avenida Armando de Salles Oliveira, o local já vinha sendo utilizado como ponto de embarque e desembarque desde 1885, quando foi inaugurada a antiga estação ferroviária da E.F. Ytuana, depois adquirida pela E.F. Sorocabana., além das crianças que divertiam no córrego Itapeva.

Após a desativação do ramal ferroviário, a estação passou a abrigar uma delegacia e, desde 1992, é ocupado pela Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes - Semuttran, quando da inauguração do Terminal Central de Integração, construído com o objetivo de integrar o sistema de transporte público urbano, próximo ao terminal rodoviário.

A maioria das antigas instalações da ferrovia desapareceu, inclusive o leito ferroviário, que dá lugar à Avenida José Micheletti.

Desenho: Rocco Caputto. Técnica: Nanquim.



“...A Sorocabana é uma mãe! Não estamos falando novidade. Piracicaba deve muito a ela. Foi o primeiro caminho de ferro que a ligou ao mundo. A Paulista só veio em 1922. Daqui a um lustro a nossa secundária genitora terá o seu centenário local. Em 1877, lá no Largo da Estação Velha, (Cidade Alta), inaugurava-se a estação da Ituana. Não contamos novas ao dizer que a Ituana, ferrovia que se entroncava com a Sorocabana em Mairinque, e servia Itu, Capivari, etc., foi vendida e anexada a ela. Hoje a boa velhinha está um pouco abandonada pelo povo. Os ônibus e as rodovias asfaltadas são atrações melhores aos viajantes. Embora nunca as ferrovias se tornem obsoletas...” (Iglésias. Sorocabana Velha de Guerra. Jornal de Piracicaba; 12/08/1972).

UNIMEP [CAMPUS TAQUARAL]

A origem da Universidade Metodista de Piracicaba - Unimep está ligada ao Colégio Piracicabano, fundado em 1881 pela missionária norte-americana Martha Watts. Em 1964 foram oferecidos os primeiros cursos de nível superior: Economia, Administração e Ciências Contábeis, reunidos como Faculdades Integradas que, posteriormente, com a expansão de novos cursos, resultou no reconhecimento da Unimep pelo Ministério da Educação, sendo a primeira universidade metodista da América Latina, a partir de 1975.

Atualmente, a Unimep oferece mais de 40 cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e tecnólogo), além de cursos de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado). A instituição conta com aproximadamente onze mil estudantes em seus quatro campi: Taquaral e Centro, localizados em Piracicaba, além de Santa Bárbara d'Oeste e Lins.

Com a criação da Rede Metodista de Educação, a Unimep passou a integrar um grupo de mais de 700 instituições metodistas em 67 países.

Desenho: Marina Horta. Técnica: Digital.



“...Quando a luz da cultura no horizonte raiava como um facho neste céu Miss Martha foi a azul, a clara fonte, que arredou da ignorância o atroz labéu. ‘O Piracicabano’ foi o ninho que gerou a água da Universidade. Hoje o mais belo lídimo caminho, larga estrada a ensinar a mocidade...” (Lino Vitti. Jornal de Piracicaba, 2014).

VISTA DE PIRACICABA

O rio Piracicaba atravessa uma das regiões mais antigas da ocupação paulista. Firmemente situado na cultura do Estado e da cidade de Piracicaba, que cresceu ao longo de suas margens, diversas festas populares são realizadas às margens do rio, como a Festa do Divino. A figura do pescador caipira ainda resiste, como também a música típica da região.

A origem do nome do rio provém do tupi, falado pelos indígenas que viviam às suas margens até a instalação dos povoadores. No salto, o curso d'água modifica-se em sua característica topográfica, cuja peculiaridade destacada pelos habitantes ribeirinhos à denominação de Piracicaba, sendo assim, conhecido em toda sua extensão pelo mesmo nome.

A bacia hidrográfica do rio Piracicaba estende-se por mais de 12.000 km², no sudeste do Estado de São Paulo e extremo sul de Minas Gerais.

Desenho: Beatriz Giovanetti. Técnica: Aquarela e lápis de cor.



“...De lá, dá pra ver tanta coisa linda, tanta história, as duas margens: a do lado direito, a da Vila Rezende, onde tudo começou; e a esquerda, para onde o povoado fugiu pensando soubesse para onde ir, os caminhos de Itu...”(Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba. Século XX, 2000).

Beatriz
Giovanni
21/05/14

BIBLIOGRAFIA

- BASSO, João Francisco. In: CARRADORE, Hugo Pedro. **Retrato das Tradições Piracicabanas**. Piracicaba: IHGP, 2010, p. 83.
- CÉSAR, Heitor Pinto. Reminiscências de Piracicaba antiga. In: **Jornal de Piracicaba**, 01/08/1965.
- COELHO, Benedito Jorge. In: CARRADORE, Hugo Pedro. **Monte Alegre. Ilha do Sol**. Piracicaba: 1996.
- CONDEPHAAT. Sólicita o tombamento da Casa de Prudente de Moraes em Piracicaba. In: **Processo 07861/69**. São Paulo, 1969.
- BERTO, Nelson. **Província dos Capuchinhos de São Paulo. Documentos e Correspondência (1886-1946)**. São Paulo, 1989.
- DEZAN, Maria Dalva de Souza. **Impactos da imigração japonesa sobre a diversidade cultural na organização do espaço geográfico piracicabano-SP**. Dissertação de Mestrado. Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia - Área de Concentração em Organização do Espaço, 2007.
- ELIAS NETTO, Cecílio. **Piracicaba Política - A História que eu sei 1942/1992**. Piracicaba: Secretaria Municipal da Ação Cultural, 1992.
- ELIAS NETTO, Cecílio. **Almanaque 2000. Memorial de Piracicaba Século XX**. Piracicaba: IHGP, 2000.
- ELIAS NETTO, Cecílio. **Memorial de Piracicaba. Almanaque 2002-2003**. Fascículos 10 e 11. Piracicaba: IHGP e Tribuna Piracicabana, 2002.
- GUERRINI, Leandro. Cadeiras na calçada. In: **Jornal de Piracicaba**. Piracicaba, 15/08/76, p.4.
- IGLÉSIAS. Sorocabana Velha de Guerra. In: **Jornal de Piracicaba**, 12/08/1972.

CACHIONI, Marcelo. **Arquitetura Eclética na Cidade de Piracicaba**. Dissertação de Mestrado. Campinas: PPG FAU PUC Campinas, 2002.

CACHIONI, Marcelo (org.). **Catálogo da Exposição Itinerante ‘Desenhandando o Patrimônio Cultural de Piracicaba’**. Piracicaba: Ipplap, 2013.

IPPLAP. **Escolas**. Série Patrimônio Cultural de Piracicaba. Vol. 1. Piracicaba: Ipplap, 2012.

IPPLAP. **Igrejas**. Série Patrimônio Cultural de Piracicaba. Vol. 2. Piracicaba: Ipplap, 2012.

LIMA, Caio Tabajara Esteves de. **Histórico do Clube Coronel Barbosa e Teatro São José**. Manuscrito. Piracicaba, 2001.

NASSIF, João Umberto. **Paulistenses**. 2 Volumes. Piracicaba: IHGP, 2013.

NEME, Mario. **Piracicaba: Documentário**. Piracicaba: João Fonseca, 1936.

OLIVEIRA MENDES. Teatro Municipal. In: **Jornal de Piracicaba, 1976**.

RESCHIO, Frei Antonio de. Correspondência ao provincial Frei Dionísio de Soraga em 01 de junho de 1888. Apud: BERTO, Nelson. **Província dos Capuchinhos de São Paulo. Documentos e Correspondência (1886-1946)**. São Paulo, 1989, p.03.

SÃO PAULO (Estado). Mensagem apresentada pelo Governador Jânio Quadros à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo em 14 de março de 1957. São Paulo: [s. N.], 1957. p. 53-80. In: MORAES, Agnes Iara Domingos. **Ensino primário tipicamente rural no Estado de São Paulo: um estudo sobre as Granjas Escolares, os Grupos Escolares Rurais e as Escolas Típicas Rurais (1933-1968)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Marília: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2014.

STURION, Encarnación Marins. In: NASSIF, João Umberto. **Paulistenses**. Vol. 1. Piracicaba: IHGP, 2013.

TOLEDO PIZA Jr. Piracicaba já não é a mesma... In: **Jornal de Piracicaba**, 01/08/1961, p.5.

VITTI, Lino. Hino à Unimep. In: **Jornal de Piracicaba**, 26/10/2014.

Internet:

ANGOLINI, Antonio Carlos. A Estação Experimental de Tupi na sua História. Disponível em: <> http://www.teleresponde.com.br/pag_tupi.htm. Acesso em 09 jan. 2015.

ELIAS NETTO, Cecílio. Barco a vapor, 1913. Disponível em: <> <http://www.aprovinciamemorialpiracicaba/photos/barco-a-vapor-1913/>. Acesso em 09 jan. 2015.

----- Rua do Porto: jardim à beira rio plantado (1). Disponível em: <> <http://www.aprovinciamemorialpiracicaba/especial/rua-do-porto-jardim-a-beira-rio-plantado-1/>. Acesso em 15 mai. 2015.

----- A “NOIVA” com nome de Pérola, Atenas e Florença. Disponível em: <><http://www.aprovinciamemorialpiracicaba/especial/a-noiva-com-nome-de-perola-atenas-e-florenca/>. Acesso em 15 mai. 2015.

HINO. Disponível em: <> http://www.xpiracicaba.com.br/site/?page_id=4866. Acesso em 09 jan. 2015.

MUSEU da Água. Disponível em: <> <http://www.semaepiracicaba.sp.gov.br/?p=YXJ0aWdv&id=NzE5NA==>. Acesso em 09 jan. 2015.

PIACENTIN, Camila. Avenida Beira Rio é rica em história e cultura. Disponível em: <> <http://m.jornaldepiracicaba.com.br/mobile/noticia.php?id=13190>. Acesso em 09 jan. 2015.

POLACOW, Patrícia Ozores; BARS, Rosemary Mendez. Teatro Municipal ‘Dr. Losso Netto’. Disponível em: <> http://semac.piracicaba.sp.gov.br/teatro/?page_id=19. Acesso em 09 jan. 2015.

PROJETO BEIRA-RIO. Disponível em: <> http://www.ipplap.com.br/projetos_beirario_introducao3.php. Acesso em 09 jan. 2015.

RICCI, Daniele. Estação de Tupi reúne história e ecologia em Piracicaba. Disponível em: <> <http://jornaldepiracicaba.com.br/capa/default.asp?p=viewnot&cat=viewnot&idnot=220235>. Acesso em 09 jan. 2015.

RIO PIRACICABA. Disponível em: <>[Http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Piracicaba_%28S%C3%A3o_Paulo%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Piracicaba_%28S%C3%A3o_Paulo%29). Acesso em 09 jan. 2015.

ROTA TIROLESA. Disponível em: <> <http://www.rotatirolesa.com.br/historico.html>. Acesso em 09 jan. 2015.

TOLEDO PIZA Jr., Salvador de. **Ode à Esalq**. Disponível em: <> http://www.esalq.usp.br/aesalq/hino_e_ode.htm. Acesso em 09 jan. 2015.

UNIMEP. Disponível em: <>http://www.unimep.br/conteudo/unimep_historico.php. Acesso em 09 jan. 2015.

